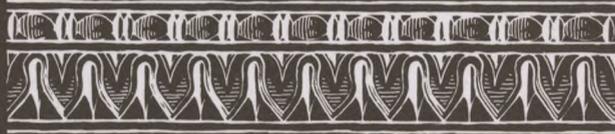


UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVIII - 1999

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

JOSÉ CARLOS QUARESMA

Licenciado em História, variante de Arqueologia,
pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

TERRA SIGILLATA AFRICANA, HISPÂNICA, FOCEENSE TARDIA
E CERÂMICA AFRICANA DE COZINHA DE *MIROBRIGA*
(SANTIAGO DO CACÉM)

“Conimbriga” XXXVIII (1999) p. 137-200

RESUMO: Neste artigo, apresenta-se o estudo da *Terra Sigillata* Africana, Hispânica e Foceense Tardia, bem como da Cerâmica Africana de Cozinha, proveniente de *Mirobriga* (Santiago do Cacém). Os resultados são analisados, em particular no contexto do Ocidente peninsular, desde finais do séc. I d. C. até à Antiguidade Tardia/Alta Idade Média.

RÉSUMÉ: Dans cet article, on présente les résultats de l'étude de la *terra sigillata* africaine, hispanique et phocéenne tardive, ainsi que de la Céramique Africaine de Cuisine, provenant de *Mirobriga* (Santiago do Cacém). Les résultats sont analysés surtout dans le contexte de l'Occident péninsulaire, depuis la fin du 1^{er} siècle après J.-C. et l'Antiquité tardive / Haut Moyen-Âge.

(Página deixada propositadamente em branco)

TERRA SIGILLATA AFRICANA, HISPÂNICA,
FOCEENSE TARDIA E CERÂMICA AFRICANA
DE COZINHA DE *MIROBRIGA*
(SANTIAGO DO CACÉM)

Nota Introdutória

Integrado no *Projecto de Valorização de Mirobriga* - iniciado em 1989 sob a direcção das Dras. Filomena Barata e Susana Correia -, o presente estudo visa analisar, sob uma perspectiva de conjunto, o espólio inédito de *Terra Sigillata* proveniente do depósito de sítio, bem como do Museu Nacional de Arqueologia, acrescentando ainda - e constituindo uma parte minoritária deste trabalho - os materiais publicados por Maria Maia (1971), bem como os depositados no Museu Municipal de Santiago do Cacém, inventariados, em publicação, por Luisa Ferrer-Dias (1976-7) e Manuela Delgado (1988). Excluíram-se os dados publicados por Maria L. C. Artur (1985), bem como as peças apresentadas por W. Biers (1988), por não estarem exaustivamente descritas, sob a forma de inventário.

Todos os fragmentos estão desprovidos de qualquer referência estratigráfica, o que nos impede de realizar uma problematização deste espólio num preciso contexto arqueológico de *Mirobriga*.

Concebido como a primeira de duas fases de realização, este trabalho apenas se debruça sobre a *T. S.* Africana e Cerâmica Africana de Cozinha, *T.S.* Hispânica e *IS.* Foceense Tardia, relegando-se, desta forma, para uma segunda etapa, a *T.S.* Itálica e Gálica.

Por fim, devo agradecer à Dra. Manuela Delgado e aos Drs. Amílcar Guerra e Carlos Fabião os seus conselhos, que foram de grande importância, tanto no que respeita a alguns aspectos teóricos como outros de ordem prática, nomeadamente a realização do trabalho técnico de classificação do espólio.

1. As Produções Africanas

1.1. A *Terra Sigillata Africana*

1.1.1. Terminologia

Terra Sigillata Africana é um conceito cuja historicidade convém analisar, para se compreender melhor o seu uso.

Waagé determinou, em 1933, três fabricos diferenciados: *Late B ware* (fase antiga), *Late A ware* e *Late B ware* (fases média e recente) (HAYES, 1972: 288).

Em 1958 e 1963, Lamboglia adoptava um novo conceito, *Terra Sigillata Chiara*, denominando uma produção A (= *Late B ware*, fase antiga), uma produção C (= *Late A ware*) e uma produção D (= *Late B ware*, fases média e recente), e ainda uma produção B, que mais tarde foi atribuída à Narbonense. Estabeleceu, igualmente, uma vasta gama de formas e respectivas cronologias (HAYES, 1972: 288).

Diferenciando-as das *Red-Gloss Terra Sigillata*, Hayes, em 1972, a partir de um critério tecnológico, bem como pelo facto de não possuírem selo, aplicou o conceito de *African Red-Slip Ware* e estabeleceu um conjunto de novas formas, para além de ter produzido um trabalho sistemático de tratamento das já existentes.

Em 1981, os autores do *Atlante (Atlante I, 1981:11)* apresentaram uma última proposta de nomenclatura: *Terra Sigillata Africana* invocando razões de "uniformidade terminológica e de tecnologias de fabrico".

Seguindo um critério actualmente utilizado para outras produções - a proveniência geográfica -, afigura-se mais coerente aceitar esta última proposta, já que contempla, igualmente, a área de produção.

1.1.2. Os Dados de Mirobriga. Características e Cronologias

A metodologia utilizada na datação do espólio de *Mirobriga*, dado que cada tipo pode ser fabricado ao longo de vários filões produtivos, consistiu no cruzamento do segmento temporal de duração do tipo respeitante a cada peça (Hayes 3, 5, etc.) com a duração da etapa produtiva em que se integra (A1, A2, etc.), no intuito de afinar a cronologia dos recipientes e conseguir intervalos de tempo menos latos.

1.1.2.1. *A Terra Sigillata Africana A*

Esta produção, da actual Tunísia setentrional, em especial da área de Cartago, decorre de finais do séc. I d.C. ao séc. III. O seu começo pode ser precisado na época flávia, tendo em vista que as primeiras importações se encontram na área vesuviana, em estratos dos anos setenta do primeiro século (*Atlante* I: 19).

Hayes define um fabrico mais antigo, AI (HAYES, 1972: 284) que, segundo os autores do *Atlante*, decorre desde a etapa flávia até meados do séc. II, fazendo corresponder as produções da segunda metade do séc. II a uma etapa intermédia, AI/2 (*Atlante* I: 19).

A produção *AI* é caracterizada por Hayes como tendo pastas de cor laranja-avermelhado ou cor de tijolo-vermelho, com textura granular, contendo como desengordurantes pequenos cristais de quartzo, alguma calcite e pouca mica. A cor do engobe é igual à da pasta. As fracturas são grosseiras e a textura granular da pasta origina a formação de pequenas bolhas nas superfícies das peças, resultantes de um bom polimento, o qual também se denota pela existência de finas estrias, no engobe fino e brilhante (HAYES, 1972: 284).

Nos exemplares de *Mirobriga*, o engobe parece ser mais aderente do que nas restantes etapas. A pasta, pelo seu lado, parece ter um aspecto mais compacto e raros vácuos.

O n.º 1 pertence ao tipo **Hayes 3B = Lamb.4/36a**, com o bordo decorado com folhas de água em barbotina. Hayes data entre 75 e 150 (*Atlante* I: 24);

O tipo **Hayes 3C = Lamb. 4/36B**, de bordo espesso em aba, sem canelura, não decorado, está representado pelo n.º 2. Atendendo ao fabrico, datará da primeira metade do séc. II (*Atlante* I: 24).

A forma **Hayes 5C = Lamb. 18**, de bordo engrossado e, em alguns casos, arredondado externamente, sem canelura externa na junção do bordo com a parede, faz-se representar pelo n.º 3. Hayes data, sem certeza, de meados do séc. II (*Atlante* I: 23).

Na maioria dos casos é impossível definir qual a variante da forma **Hayes 6**, devido à simples existência do bordo. É o caso do n.º 4. No entanto, quando esta forma de bordo horizontal ou ligeiramente pendente nos fornece um diâmetro mais reduzido (inferior a 19 cm) é possível afinar a tipologia, para uma das variantes. O n.º 5 pertence ao tipo **Hayes 6C** e possui 13 cm de diâmetro. As várias formas da *Hayes 6* estão datadas, por Hayes, entre os fins do séc. I e a

segunda metade do séc. II. Tendo em conta a cronologia da produção *Al*, os exemplares de *Mirobriga* não ultrapassarão os meados da centúria. Por isso mesmo, a *Hayes 6C* poderá ser apenas muito ligeiramente mais tardia do que meados da centúria, para a classificação não se tornar incoerente (*Atlante* I: 25).

Os autores do *Atlante* apresentam uma etapa produtiva intermédia, *Al/2*, cuja caracterização é basicamente semelhante à que Hayes faz da etapa precedente, o que a torna extremamente difícil de identificar (*Atlante* I: 19). A grande diferença parece consistir na qualidade do engobe que se torna mais fino e brilhante (*Atlante* I: 19). Em termos cronológicos, centrar-se-á na segunda metade do séc. II (*Atlante* I: 19).

O espólio de *Mirobriga* apresenta, no entanto, pastas ligeiramente menos batidas, o que as torna menos compactas e origina, por vezes, vácuos alongados. As características dos desengordurantes mantêm-se semelhantes às da etapa anterior, embora as dimensões dos minerais de quartzo e das partículas de calcite pareçam aumentar suavemente de tamanho, em exemplares menos cuidados. Surgem, com um pouco mais de frequência, pequenas partículas de marga, variando entre o verde e o cinzento.

O n.º 6 integra-se no tipo **Hayes 6B = Lamb. 23** e distingue-se pela ausência de decoração a roleta no seu fundo. A cronologia da forma condiz com a da produção *Al/2* dos exemplares de *Mirobriga*: segunda metade do séc. II (*Atlante* I: 25).

O n.º 7, do tipo **Hayes 8A = Lamb. 1a**, está decorado a roleta sobre o lóbulo central. Este tipo foi produzido entre 90 (ou já em 80, segundo Hayes) e 150 (*Atlante* I: 26). Tendo em conta o fabrico, os fragmentos de *Mirobriga* deverão datar de meados do séc. II (*Atlante* I: 26).

A forma **Hayes 8B = Lamb. 1e** caracteriza-se pela ausência de decoração na parede externa. O exemplar de *Mirobriga*, n.º 8, deve-se situar, cronologicamente, na transição para o séc. III, pois esta forma é produzida na primeira metade deste século (*Atlante* I: 26).

O tipo **Hayes 9A = Lamb. 2a**, decorado a roleta, está representado pelo n.º 9. O fabrico confere-lhe uma datação na segunda metade do séc. II (*Atlante*: 27).

A forma **Hayes 9B = Lamb. 2C** tem parede inclinada para o exterior e superfície não decorada. O n.º 10 representa este tipo cuja

cronologia se deve situar na transição para o séc. Ili, conjugando os dados da forma e da produção (*Atlante* I: 27).

A forma **Hayes 26 = Lamb. 9b** possui bordo quase vertical com incisão interna na junção com a parede esvasada. Hayes e Lamboglia datam-na da segunda metade do séc. II a inícios do seguinte (*Atlante* I: 31), enquanto que as escavações de Ostia alargam o segmento temporal para a primeira metade do séc. III (*Atlante* I: 31). O enquadramento dos exemplares de *Mirobriga*, como o n.º 11, na fase *A1/2*, aponta para uma datação na segunda metade do séc. II. No entanto, o n.º 12, com um diâmetro maior, alcançando quase os 30 cm, deverá pertencer aos finais da produção *A1/2*, visto que, no séc. III, com a produção *A 2*, os diâmetros das peças Hayes 26 e 27 são nitidamente maiores (*Atlante* I: 20).

On.º 13 pertence ao tipo **Hayes 27 = Lamb. 9a**, de bordo inclinado para o interior e incisão na junção deste com a parede. Deverá ser datado da segunda metade do séc. II (*Atlante* I: 31).

Também da segunda metade do séc. II será o n.º 14, pertencente ao tipo **Hayes 27 = Lamb. 9a2**, de bordo quase vertical, sem incisão interna (*Atlante* I: 31).

De finais do séc. II a meados da centúria seguinte decorre a fase *A2*, na qual o engobe se toma mais fraco e a superfície dos recipientes mais grosseira; adquire, por vezes, uma tonalidade rosada (HAYES, 1972: 289).

Os exemplares de *Mirobriga* apresentam, por vezes, vácuos alongados na pasta. Torna-se mais frequente encontrar partículas de marga, acinzentadas ou esverdeadas. Verifica-se igualmente que o engobe, menos aderente, tende facilmente a desaparecer, quase por completo, em muitos exemplares.

O tipo **Hayes 6B = Lamb. 23** individualiza-se pelo facto de não ter decoração a roleta no seu fundo. O n.º 15 pertencerá a este tipo, **Hayes 6B = Lamb. 23**. O n.º 16, pelo seu pequeno diâmetro pertence, no entanto, ao tipo **Hayes 6C**. O tipo **Hayes 6B = Lamb. 23** pertencerá aos finais do séc. II, quando se inicia a produção *A2*. O tipo **Hayes 6C** já será dos inícios do séc. Ili (*Atlante* I: 25).

O tipo **Hayes 8B = Lamb. le**, não decorado, está representado pelo n.º 17, que datará da primeira metade do séc. Ili (*Atlante* I: 26).

O n.º 18, do tipo Hayes 9B = Lamb. 2c, não decorado, deve datar de inícios do séc. III (*Atlante* I: 27).

A forma Hayes 14 é a mais representada no espólio de *Mirobriga*. A sua extrema variedade e a frequente inexistência do troço inferior do perfil das peças não permite, na maioria dos casos, determinar a variante. Assim acontece com o n.º 19 que espelha um pouco a variabilidade morfológica destes recipientes. Apenas se conseguiu identificar a variante Hayes 14B = Lamb. 3bl, representada pelo n.º 20, taça carenada, com bordo biselado internamente e parede vertical alta (*Atlante* I: 33). A cronologia da *Hayes 14* varia entre os finais do séc. II e a primeira metade do séc. III, enquanto que a *Hayes 14 - Lamb. 3bl* se situa na primeira metade do séc. III (*Atlante* I: 33).

O n.º 21 é bastante singular. A forma parece ser urna Hayes 14, mas este tipo não possui decoração, ao contrário deste exemplar de *Mirobriga*, que apresenta uma decoração a roleta formando uma linha paralela ao bordo, levemente incisa.

O n.º 22 pertence ao tipo Hayes 26 = Lamb. 9b, com uma datação que deve rondar os fins do séc. II, inícios do III, tendo em conta Hayes (*Atlante* I: 31), talvez estendendo-se pela primeira metade do séc. III, a julgar pelos dados de Ostia (*Atlante* I: 31).

O n.º 23, do tipo Hayes 27 = Lamb. 9a (já com um diâmetro bastante grande), bem como o n.º 24, da forma Hayes 27 = Lamb. 9a2, terão a mesma cronologia que o tipo anterior (*Atlante* I: 31).

O tipo Hayes 31 pode distinguir-se da Hayes 14 através da presença da carena na junção do fundo com a parede, como é o caso do n.º 25. Este tipo está datado da primeira metade do séc. III (*Atlante* I: 35). A identificação da produção deste exemplar levanta alguns problemas: As características do engobe, laranja-vermelho, de espessura média - e não fina -, bem lustrado, apresentando apenas finas estrias, podem indiciar a filiação na produção A/D, de princípios do séc. III.

1.1.2.2. *A Terra Sigillata Africana C*

Por volta do ano 200, as oficinas de Bizacena, na Tunísia centro-oriental, iniciaram este novo fabrico, ao que parece, aproveitando o crescimento económico desta região ocorrido com Sétimo Severo, a par de uma diminuição da força política e económica de Cartago e Utica (*Atlante* I: 58). Com uma história de cerca de 250 / 300 anos, a *T.S.Ai. C* terá o seu término entre 450 e 500 (Beltrán-Lloris, 1991: 135).

A produção Cl iniciou-se, então, em torno do ano 200. Os recipientes deste fabrico costumam possuir uma pasta fina, bem como uma cobertura igualmente fina e alisada, por vezes com um aspecto manchado (*Atlante* I: 58). As paredes são agora mais delgadas o que, a par das restantes características, permite, em certas peças, uma ressonância metálica quando tocadas.

A taça hemisférica Hayes 44 = Lamb. 35, de bordo plano, distingue-se da Hayes 44 = Lamb. 35ter pelo facto desta última possuir o bordo encurvado em maior ou menor grau. Representadas pelos n.ºs 26 e 27, respectivamente, ambas se datam entre 220/40 e final do séc.III, embora surjam na primeira metade do séc. Ili, em Ostia (*Atlante* I: 70).

O n.ºs 28 pertence ao tipo Hayes 45A = Lamb.42, com decoração a roleta sobre o bordo. Se a datação de 230/40 parece pacífica para o início desta forma, a cronologia terminal já não é tão simples. Em *Dura Europo s*, os exemplares de *Lamb.42* denotam maior antiguidade que os de *Sal.C3* (*Atlante* I: 63); em *Ostia*, em contextos da primeira metade do séc. III, o tipo *Lamb.42* é mais frequente do que o segundo tipo (*Atlante* I: 63). Se o fabrico *Cl* terminar antes de finais do séc. III(*), então, este exemplar terá aí o seu *terminus ante quem*.

A forma Hayes 45B = *Sal.C3*, representada pelo n.º 29, não possui decoração e o bordo tem, geralmente, uma ou duas caneluras na margem superior externa. Hayes datou-a entre 230/40 e 320. Em Ostia surge em contextos da primeira metade do séc. Ili (*Atlante* I: 63).

O tipo Hayes 49, com bordo geralmente inclinado para o interior e parede acentuadamente encurvada, como o n.º 30, foi datado, por Hayes, entre 230/40 e 300 (*Atlante* I: 61), enquanto que as escavações de Ostia favorecem uma cronologia da primeira metade do séc. III (*Atlante* I: 61).

A forma Hayes 50A = Lamb. 40bis é a mais representada. Possui um bordo aguçado e uma parede rectilínea e pouco esvasada (*Atlante* I: 65). Alguns exemplares apresentam finas linhas incisivas externas, como o n.º 31. Hayes datou esta forma entre 230/40 e 325 (*Atlante* I: 65); em Ostia surge com frequência em contextos da primeira metade do séc. Ili (*Atlante* I: 65).

O n.º 32 levanta bastantes problemas de classificação. O paralelo mais próximo conhecido é um cantil de corpo lenticular, em C2, Forma (*)

(*) Ver supra cronologia do fabrico Cl.

«Atlante», tav. XXXI, 18, com 19,8 cm de diâmetro na carena, para o qual não existe contexto estratigráfico, existente no *Antiquarium* Comunale di Roma (*Atlante* I: 77). O fragmento do exemplar de *Mirobriga* possui 24,4 cm de diâmetro na carena, o que se aproxima bastante; mas foi fabricado em *CI*. A forma «Atlante», tav. XXXI, 18 tem urna proposta de datação para o séc. III, conferida pelo fabrico e pela semelhança com formas da produção *A* (*Atlante* I: 77). O exemplar de *Mirobriga*, em C7, poderá pertencer ao séc. III igualmente e em conformidade com a possível cronologia deste fabrico.

Hayes datou a produção C2 entre 240 e 320-30 (HAYES, 1972: 289), não sendo certa uma distinção cronológica entre *CI* e C2, embora esta última pareça prolongar-se para além da primeira, até finais do séc. III ou primeiro decénio da centúria seguinte (*Atlante* I: 58). A comprovar-se definitivamente esta última proposta cronológica ter-se-ia de recuar o término da produção das formas de *CI* anteriormente apresentadas - talvez para meados ou terceiro quartel do séc. III, sobretudo tendo em consideração os dados de Ostia, que apontam para a primeira metade do séc. III⁽²⁾ -, o que, para já, é prematuro. É ainda muito difícil afirmar se *CI* e C2 constituem etapas ou filões produtivos.

Quanto aos aspectos técnicos, as cerâmicas da C2 caracterizam-se por pastas vermelho-rosadas, podendo possuir partículas de calcite ou micas. As fracturas são nítidas. O engobe, da mesma cor que a pasta, tende a confundir-se com esta, e costuma apresentar um bom alisamento (*Atlante* I: 58).

Devido à pequenez dos fragmentos é extremamente difícil distinguir os recipientes pertencentes ao tipo *Hayes 45* ou *Hayes 48*.

O n.º 33 pertence ao tipo *Hayes 45B* = Sal.C3 (tipo não decorado): distingue-se pelas duas caneluras ao mesmo nível, mas em lados opostos do bordo. Tendo em conta o fabrico, este exemplar de C2 deve datar-se entre meados do séc. III, ou pouco antes, e os primeiros decénios do século seguinte (*Atlante* I: 63).

Já se afigura impossível atribuir uma nomenclatura de *Hayes 45B* = Sal.C3 ou de *Hayes 48B* para exemplares como o n.º 34, apenas com

(2) Ver supra datações propostas para as formas de *CI*.

uma incisão na face superior do bordo, pois a forma **Hayes 48B** caracteriza-se por um bordo largo e rectilíneo, horizontal ou inclinado, podendo possuir uma canelura na margem superior externa. Hayes datou este tipo entre 260 e 320 (*Atlante* I: 60). Sendo assim, este conjunto de formas indetermináveis terá uma cronologia algures entre 240-50 e 320 (*Atlante* I: 60-3).

O n.º 35, de parede encurvada e bordo biselado externamente, integra-se no tipo Hayes 49. A cronologia situar-se-á entre 240-50 e os primeiros decénios do século seguinte (*Atlante* I: 61).

A forma Hayes 50A = Lamb.40bis é, novamente, a mais representada. Para além das características dos exemplares usuais, pode possuir linhas incisadas na parede, paralelas ao bordo, como acontece também em exemplares de *Mirobriga* em *CI*: o n.º 36 é mesmo bastante problemático; com pasta e engobe de C2, possui, no entanto, dois sulcos junto ao bordo, de ambos os lados da parede, aproximando-se bastante da forma produzida em C3, **Hayes 53A - Sal.a** e apresenta um bordo arredondado que não é característico da **Hayes 50 = Lamb. 40bis**, mas sim das **Hayes 50AJB** e **B**. Esta forma deve-se datar entre 240-50 e os primeiros decénios do séc. IV (*Atlante* I: 65).

A estratigrafia de Ostia confere uma datação de inícios do séc. IV a meados do séc. V para a produção C3 (*Atlante* I: 59). Hayes descreve-a como uma cerâmica com pasta menos fina e paredes mais espessas do que nas produções anteriores. Embora ainda com fractura nítida, a pasta já é um pouco granular. O engobe é um pouco mais espesso e mate, com cores que variam de um vermelho médio ou rosa ao vermelho-castanho ou vermelho-púrpura (HAYES, 1972: 290-1). O engobe, nos exemplares de *Mirobriga*, parece cobrir toda a peça e não somente o interior e a parte exterior superior (IDEM: 290-1).

O n.º 37, de bordo ligeiramente biselado exteriormente, parede rectilínea esvasada e pé atrofiado, pertence ao tipo Hayes 50A/B. Como tipo de transição entre as formas **Hayes 50A = Lamb. 40bis** e **Hayes 50B**, não possui cronologia certa. Visto que a **50B** começará nos meados do séc. IV (*Atlante* I: 65), esta forma poderá pertencer à primeira metade do séc. IV, já que apenas é feita em C3, produção que começa por volta de 300.

O n.º 38, de bordo arredondado, parede ligeiramente curvada

e esvasada, pertence ao tipo Hayes 50B, produzido entre 350 e 400 (*Atlante* I: 65).

O tipo Hayes 52B está representado pelo n.º 39, com uma canelura sobre o bordo decorado por um motivo piscícola em relevo aplicado. As cronologias propostas variam entre os inícios do séc. IV e os meados do V; Hayes considera que as taças de lábio canelado podem ser as mais tardias desta forma (*Atlante* I: 162).

A produção C4 ocorre entre os finais do séc. IV e o séc. V (*Atlante* I: 58). A argila é um pouco mais granulosa, contendo partículas de calcite. Com cozeduras mais suaves pode adquirir tonalidades laranja-avermelhadas, vermelhas ou rosas. O engobe e as paredes são mais espessos do que nas outras produções (*Atlante* I: 58). Os dois exemplares de *Mirobriga* apresentam superfícies menos cuidadas, rugosas.

O n.º 40 pertence ao tipo Hayes 73B. Possui bordo inclinado com duas caneluras na parte superior e um diâmetro de 15,8 cm, o que se coaduna com os atributos desta forma. A pasta é laranja-avermelhada e a superfície apresenta bolhas, tal como acontece em certas peças de produção *D*. Hayes datou esta forma entre 420 e 475; em Moosberg (Alemanha) surgiram em contextos de finais do séc. IV; num depósito de Abu Mena estão datados de c. 480 (*Atlante* I: 72). Hayes afirma que os exemplares decorados devem ser os mais antigos, teoria que parece ser confirmada pelos dados de *Abu Mena*, onde, num depósito de c. 480, a maior parte dos exemplares não são decorados (*Atlante* I: 72).

O n.º 41 é uma taça da forma Delgado 1968, tav. Ili, n.l. A pasta é rosada e a superfície apresenta bastantes impurezas. A cronologia pode situar-se entre 360 (ou finais do séc. IV, segundo a cronologia do fabrico) e 470 (*Atlante* I: 70).

1.1.2.3. A *Terra Sigillata* Africana D

Hayes coloca em torno de 320/25 o início desta produção da área de Cartago, exceptuando os tipos *Hayes 32/58* e *58 A* e *B*, em *DI*, que terão o seu começo na última década do séc. III. Parece lícito colocar a invasão árabe, no norte de África, em 647-8, como a causa do fim da produção (*Atlante* I: 80).

A produção *D1* divide-se em duas fases.

A primeira fase decorre desde finais do séc. III / inícios do IV e séc. V, apresentando bastantes semelhanças com a antiga produção A, sobretudo A2, desenvolvida na mesma região. A pasta pode ter uma textura granular fina ou mesmo grosseira. As paredes das peças ganham em espessura, variando entre os 6 e os 9 mm. O engobe é menos lustreado, de cor rosada, podendo atingir o laranja-avermelhado ou cor de tijolo/vermelho, por excesso de cozedura. Algumas peças apresentam bolhas nas superfícies (*Atlante* I: 78).

A *segunda fase* da produção *D1* decorre entre os finais do séc. V e meados do séc. VII. Apresenta um engobe mais fino e fraco (*Atlante* I: 78).

Os dados de *Mirobriga* parecem pertencer todos à primeira fase desta produção *D1*.

O n.º 42 pertence ao tipo Hayes 58A, de bordo horizontal, com duas filas de sulcos sobre este. Hayes datou-o entre 290 e 300/75 (*Atlante* I: 118). O n.º 43 apresenta a particularidade de uma decoração sobre a linha de união do bordo com a parede, na face interna.

O n.º 44 filia-se na forma Hayes 58B. Possui bordo ligeiramente inclinado, com uma linha de sulco e fundo levantado, ligeiramente côncavo. A cronologia proposta por Hayes varia entre 290 e e 350/75 (*Atlante* I: 81).

O tipo Hayes 58 = Lamb.52b, de bordo arredondado, está representado pelo n.º 45. Não existem propostas cronológicas específicas para esta forma (*Atlante* I: 82). Pelo fabrico, apenas se pode apontar para os sécs. IV e V.

A série de nervuras distingue o n.º 46 como sendo do tipo Hayes 59A. Hayes datou este tipo entre 320 e 400/20; foi atestado em contextos do séc. IV, em Ventimiglia, por Lamboglia; as escavações de Ostia forneceram datações de fins do séc. IV, inícios do V; em Cartago, encontra-se em níveis dos séc. IV-V (*Atlante* I: 83).

O n.º 47 pertence ao tipo Hayes 61. A pequenez do fragmento não permite adiantar mais nada quanto à classificação. Hayes propôs uma cronologia entre 325 e 450; as escavações de Ostia atestam esta forma nos fins do séc. IV / inícios do V; em Cartago, surgem em contextos dos sécs. IV e V (*Atlante* I: 83).

A forma Hayes 91A está representada pelo n.º 48. É a variante grácil da série de vasos com bordo arredondado e lábio pendente, com diâmetros que variam entre os 12 e os 16 cm (*Atlante* I: 105). Segundo

Hayes, o início da sua produção teria tido lugar em meados do séc. V. Escavações recentes, como a de Cartago, recuam este *terminus post quem* para meados do séc. IV; ou fins do IV, inícios do V, como as de Ostia IV; parece terminar por volta do ano de 500 (*Atlante* I: 82). As escavações de Marselha indiciam a perduração desta forma até à primeira metade do séc. VI (BONIFAY, 1983: 307), mas o fabrico dos exemplares de *Mirobriga* confere-lhes um final em torno do ano 500.

O n.º 49 representa a variante de maior tamanho, Hayes 91B. Os problemas cronológicos para o começo desta forma são análogos aos da forma anterior. Embora as escavações de Cartago demonstrem a continuação do seu fabrico no séc. VI (*Atlante* I: 106), a produção dos dados de *Mirobriga* determina-lhes, igualmente, o final em torno do ano de 500.

A produção D2 divide-se em duas fases (uma possível produção D1/2 está ainda mal documentada, *Atlante* I: 78).

A primeira fase decorre entre os finais do séc. IV e os inícios do VI. Hayes descreve estas peças como tendo uma argila semelhante à Z)7, de grão grosso, com tonalidades entre o laranja e o castanho luminoso. O engobe brilhante e espesso tende a descamar (*Atlante* I: 78).

A *segunda fase* situa-se entre os fins do séc. V e meados do VII. A cerâmica torna-se mais grosseira, com muita calcite. O engobe é mais espesso. As tonalidades variam entre o laranja-vermelho e o tijolo-vermelho (*Atlante* I: 78).

Os exemplares de *Mirobriga* parecem pertencer todos à primeira fase.

O tipo Hayes 61 = Lamb.53bis está representado pelo n.º 50, com um bordo espessado internamente. É um recipiente aberto, mas fundo. Segundo as escavações de Cartago, pode-se situar entre os finais do séc. IV e o séc. V (*Atlante* I: 83).

A forma Hayes 80 caracteriza-se por um bordo indistinto da parede, ou ligeiramente engrossado. O n.º 51 apresenta uma ligeira inflexão na parede antes de atingir o bordo, atributo que não permite ser mais minucioso na tipologia. Hayes datou este tipo na segunda metade do séc. V (*Atlante* I: 104).

A forma Hayes 87, representada pelo n.º 52, possui bordo engrossado externamente, distinto da parede por uma linha incisa interna. Segundo Hayes, data de inícios do séc. VI (*Atlante* I: 91).

O n.º 53 pertence ao tipo **Hayes 110**, taça de parede curva com duas incisões externas paralelas ao bordo. O começo do fabrico desta forma situa-se nos meados do séc. V (*Atlante* I: 114); embora se possa prolongar até ao séc. VII, os exemplares de *Mirobriga* não ultrapassarão os inícios do séc. VI (*Atlante* I: 114).

1.1.2.4. A *Terra Sigillata Africana C/E*

Mais do que uma classe, a *T.S.Af. C/E* é um reagrupamento de exemplares que recordam formas da *T.S.Af. C* e *D*, fabricadas por um novo filão produtivo, entre o segundo quartel do séc. III e o penúltimo do IV, na Tunísia; antecedendo a produção *E*, da Tunísia meridional, datada por Hayes entre meados do séc. IV e meados do V (*Atlante* I: 117).

A pasta costuma ser de boa qualidade e o engobe opaco ou ligeiramente brilhante e tendente ao *marron*, por excesso de cozedura (*Atlante* I: 117).

Em *Mirobriga* existem três exemplares, da forma **Hayes 58A**, cuja única diferença entre eles consiste nos diâmetros que variam entre os 20,2 e 33,5 cm. Este último diâmetro pertence ao n.º 54. A cronologia varia entre 290/300 e 375 (*Atlante* I: 118).

1.1.2.5. Os Fragmentos Decorados

Fabrico *D1 - Primeira fase:*

O n.º 55 possui uma decoração estampada, com um motivo pequeno de ramo de palmeta, estilo **A (i) - (ii)**, datado entre 325 e 375 (*Atlante* I: 127). O n.º 56, com um ramo de palmeta estampado, de dimensões maiores, pertence ao estilo **A (ii)** datado entre 350 e 380, podendo ir um pouco mais além (*Atlante* I: 127).

O n.º 57 possui uma decoração estampada com motivos vegetais, pétalas, associados a uma outra faixa na qual se inscreve um motivo para o qual não se encontrou paralelo nos repertórios decorativos da *T.S.Af. D*. As pétalas e as suas dimensões grandes indiciam os estilos **A (i)** e **A (ii)**. Este último estilo costuma apresentar uma segunda faixa decorada com uma maior variedade de motivos. Esta peça deve datar-se entre 320 e 420, tendo em conta a extensão temporal de ambos os estilos (*Atlante* I: 123).

1.2. A Cerâmica Africana de Cozinha

1.2.1. Terminologia. Os Dados de Mirobriga. Características e Cronologias

Após Hayes ter denominado “cerâmica comum africana” ao conjunto de fabrico do qual excluía os de engobe A2 que englobava na “African Red Slip Ware” (HAYES, 1972), Tortórela formula a “cerâmica da cozinha” africana segundo um critério funcional e não somente tecnológico como o havia feito Hayes (*Atlante* I: 208).

A familiaridade com a *Terra Sigillata* Africana A leva a supôr que área de produção se deve centrar na Tunísia setentrional, em particular na região de Cartago (*Atlante* I: 209).

A pasta destas cerâmicas varia entre o laranja e o vermelho alaranjado, semelhante à *Terra Sigillata* Africana A, mas denotando uma menor depuração. A superfície pode-se apresentar segundo três grandes conjuntos, que não são exclusivos: *a*) pátina acinzentada, sobre o bordo e/ou parede externos, provocada pela cozedura; *b*) polimento em bandas ou em estrias na parede interna ou externa; *c*) verniz ou engobe na parede interna, ou raramente, na externa (*Atlante* I: 208).

O n.º 58 é um fragmento de carena canelada da forma Hayes 23B = Lamb.10a ou Hayes 23 A = Lamb. 10B, caçarola de bordo espessado internamente, na primeira hipótese, e fundo externo estriado. Apresenta as paredes com um polimento, nomeadamente em bandas, do lado exterior. Estas formas estão atestadas em contextos de finais do séc. I / primeira metade do séc. II, até finais do IV, inícios do V, em Ostia (*Atlante* I: 217).

A forma Hayes 23B = Lamb.10a, está também documentada com patina cinzenta: n.º 59. A cronologia é semelhante à da forma congénere com polimento em bandas (*Atlante* I: 217). A forma Ostia II, fig. 306 está representada pelo fragmento de carena não canelada, n.º 60. Este tipo está atestado desde a época de Tibério até à de Trajano-Adriano (*Atlante* I: 216).

O n.º 61 pertence ao tipo Hayes 23B = Lamb.10a, e está revestido com engobe A2. A sua cronologia deve, por isso, situar-se entre os finais do séc. II e meados do séc. III (*Atlante* I: 19).

A forma Hayes 181 está representada pelo n.º 62. Este tipo tem uma cronologia bastante extensa, desde fins do séc. II até inícios do V (*Atlante* I: 215), a produção dos exemplares de *Mirobriga* com engobe A2 pode restringir a datação aos finais do séc. II ou primeira metade do III (*Atlante* I: 19). A mesma cronologia poderá ser proposta para o n.º 63, de forma fechada indeterminada; bem como para a tampa / prato, n.º 64, de tipo igualmente indeterminado.

2. A *Terra Sigillata* Hispânica

2.1. Terminologia

Data de 1961, o primeiro estudo de relevo acerca da *Terra Sigillata Hispânica*, da autoria de M. Mesquiriz. J. Boube (MAYET, 1984), em 1965, distingue dois fabricos, a partir da tecnologia e difusão na Mauritânia Tingitana: série A (actual produção de *Tritium Magalium*) e série B (actual produção de Andújar). Nos anos setenta, M. Roca (1976), M. Sottomayor (1977) e Garabito, 1978 (CARVALHO, 1993: 73) aprofundam os conhecimentos sobre as oficinas; em 1984, é editada a obra de F. Mayet que procura caracterizar as oficinas e áreas produtivas, as formas e respectivas cronologias, bem como a difusão das cerâmicas.

2.2. A Produção de *Tritium Magalium*

2.2.1. Os Dados de *Mirobriga*. Características e Cronologias

As produções do Nordeste peninsular apresentam verniz fino e aderente, vermelho-alaranjado, por vezes, com “pele de laranja”. A pasta é rosa-salmão, mas distingue-se das produções gaulesas pela menor dureza e aparência esponjosa, bem como pela fractura menos nítida e desengordurantes amarelados de maiores dimensões (MAYET, 1984: 66).

As escavações da área urbana de *Pompado* têm sido utilizadas como a principal fonte cronológica para estas cerâmicas (IDEM: 93). A camada VII, datada de Cláudio aos Flávios, é comumente considerada como relativa ao início do fabrico destas oficinas, início este que

se situaria em Cláudio. Contudo, Mayet (IDEM: 94), justificando-se pela presença de características hispânicas nos materiais de meados do séc. I, considera a época deste imperador como o início da difusão, recuando o começo da produção para momentos anteriores, embora não se possuindo ainda dados concretos (IDEM: 94).

As propostas cronológicas para o final da produção são ainda mais problemáticas. As camadas VI (último quartel do séc. I e talvez inícios do séc. II) e V (talvez do séc. II, com formas decoradas hispânicas e Drag. 37) confundem-se. A continuidade de produção ao longo do séc. III é ainda menos certa: a camada IV, de destruição, possui fragmentos de Drag. 37 do séc. II, mas também de hispânica tardia idêntica às da camada III do Baixo Império, o que relativiza a ideia de uma produção no séc. III (IDEM: 96).

2.2.1.1. *As Formas Lisas*

Os exemplares de *Mirobriga* da forma **Drag. 15/17** apresentam dois dos quatro grupos produtivos apresentados por Mayet (MAYET, 1984: 71). O n.º 65 pertence ao primeiro grupo que apresenta algumas similitudes com os produtos gauleses, de lábio, moldagem do bordo e parede ainda pouco inclinada. O n.º 66 possui atributos característicos do segundo grupo, mais hispânico, com bordo mais alto, oblíquo e liso, desaparecendo quase totalmente o lábio. Esta forma começou a ser fabricada desde o início da actividade de *Tritium*, provavelmente em meados do séc. I - sendo o segundo grupo contemporâneo do primeiro -, não se sabendo se o final deste tipo se situará no séc. II (IDEM: 71). O n.º 67, pela sua pequenez, levanta bastantes dúvidas. Pode pertencer à **Drag. 15/17** ou **33**, algo que só o fundo permitiria distinguir com segurança. A *Drag. 33*, ao contrário da 75/77, foi fracamente produzida na Península, entre a segunda metade do séc. I e começos do seguinte (IDEM: 73).

A forma **Drag. 18** imita protótipos gauleses. Possui pansa ligeiramente curva e bordo arredondado, como o n.º 68. Frequente na época flávia, não ultrapassou os inícios do séc. II (IDEM: 71).

Os n.ºs 69 e 70 pertencem ao tipo **Drag. 24/25**, forma próxima dos modelos sud-gálicos, podendo ter *guilloché*. Segundo as escavações de *Pompado*, os exemplares mais antigos é que possuem este atributo. Deve datar da segunda metade do séc. I (MAYET, 1984: 72).

O tipo **Drag. 27** também se baseia em protótipos gauleses. O n.º 71 é passível de classificar no segundo grupo desta forma, com o lábio muito menos marcado. Apresenta um verniz aderente laranja-acastanhado, que segundo alguns autores pode pertencer a *Tritium* (NAVEIRO LOPEZ, 1991: 34)⁽³⁾, ou pode ter origem desconhecida (CARVALHO, 1993: 75). Mayet problematiza a cronologia desta forma. Concorde com Mesquiriz, quanto a um início em meados do séc. I, embora as peças se assemelhem mais com os modelos gálicos de época flávia (bordo arredondado); mas não aceita, por falta de estratigrafias, um final no séc. IV, apenas garantindo os inícios do séc. II (MAYET, 1984: 72).

O n.º 72 pertence à forma **Ludowici Tb** (anteriormente denominada *Drag. 46*) que, embora seja imitadora de modelos gálicos, possui já um perfil hispânico. Mayet aponta o início deste fabrico para finais do séc. I (IDEM: 76).

A forma **Hispânica 4**, como o n.º 73, é identificável pelo *guiloché* sobre o bordo horizontal. Recipientes como este já não são considerados simples imitações, mas patenteiam uma vontade de inovação por parte dos oleiros peninsulares (IDEM: 77).

O n.º 74 pertence ao tipo **Hispânico 10**, de perfil tronco-cónico, lábio espesso e canelado, datado entre a segunda metade do séc. I e o séc. II (IDEM: 79).

2.2.1.2. *As Formas Decoradas*

A forma *Drag. 30* está representada por um exemplar, o n.º 75, de pansa cilíndrica e parede ligeiramente oblíqua. Em *Pompado* surge em meados do séc. I; os dados de Liédena indicam uma duração até meados do séc. II; a ausência de decoração circular aponta para uma cronologia do séc. I (MAYET, 1984: 82).

Os n.º 76 pertence ao tipo *Drag. 37*. Segundo as escavações de *Pompado*, a sua cronologia deve variar entre o último quartel do séc. I e o primeiro do seguinte (IDEM: 83).

(3) Refira-se que estes dois autores caracterizam as pastas dos exemplares, com este tipo de verniz, como grosseiras e com grande quantidade de desengordurantes; ao passo que o exemplar de *Mirobriga* apresenta uma pasta de cor salmão, de boa qualidade, com poucos desengordurantes e fractura nítida.

Nestes exemplares de *Tritium* destacam-se as soluções decorativas à base de motivos verticais e vegetais estilizados, como palmetas arredondadas e plantas em forma de penas, algo que é frequente nas produções do Nordeste peninsular. Frequentes são também as linhas verticais de separação alternadas com círculos, podendo estes conter palmetas, como os n.ºs 77 e 78. Ainda não é possível estabelecer distinções cronológicas entre os motivos decorativos (IDEM: 90).

2.3. *A Produção de Andújar*

2.3.1. *Os Dados de Mirobriga. Características e Cronologias*

O verniz desta produção costuma apresentar uma coloração castanha ou vermelha-marron, sendo espesso e sem brilho, homogéneo, mas, geralmente, pouco aderente. A pasta é muito esponjosa, com bastantes desengordurantes de grandes dimensões e nódulos amarelos de margá calcária. A fractura é bastante irregular (MAYET, 1984: 41).

Mayet defende que o início da actividade destas oficinas se situará no reinado de Cláudio, contestando, por falta de provas conclusivas, as teses de M. Roca e M. Sotomayor que remontavam o começo ao reinado de Tibério (IDEM: 53). A autora concorda, por outro lado, com a proposta de M. Roca, quanto aos finais do fabrico: meados do séc. II ou ainda a segunda metade desta centúria, não alcançando certamente o final do século (IDEM: 55).

2.3.1.1. *As Formas Lisas*

Os n.ºs 79 e 80 pertencem ao tipo **Drag. 15/17**, forma hispânica clássica, de parede lisa e aberta e quase sempre curvada para o exterior, podendo ter, como o terceiro exemplar, pé rectangular. A canelura interna, na junção do fundo com a parede, é um elemento identificador. A evolução da forma indica um aumento do tamanho, o que confere ao quarto exemplar, uma cronologia mais tardia face aos restantes. Este tipo foi produzido ao longo de todo o funcionamento de Andújar (MAYET, 1984: 45).

A forma **Drag. 18** foi muito pouco produzida e aproxima-se bastante dos modelos sud-gálicos (IDEM: 45). Está representada pelos n.ºs 81 e 82.

O n.º 83 representa o tipo **Drag. 27** e possui perfil hispânico, com o desaparecimento do lábio e menor encurvamento do segmento superior da parede. A cronologia desta forma acompanha todo o funcionamento de Andújar (IDEM: 45).

O n.º 84 poderá pertencer à forma **Drag. 24/25**, na qual a parte superior da parede pode ser vertical e o lábio raramente surge. O bordo com *guilloché* parece surgir apenas nos exemplares mais antigos. Mayet supõe que o fim do fabrico desta forma se situa no séc. II (IDEM: 45).

Parte do espólio do depósito de sítio de *Mirobriga* apresenta características tecnológicas que se desviam um pouco das descrições comuns para as produções de Andújar. Os exemplares a que nos referimos possuem verniz castanho, pouco aderente, com algum brilho (embora a frequente má conservação possa descaracterizar este possível brilho), sobretudo se comparados com outros exemplares de Andújar; e pasta castanha muito clara, geralmente um pouco rosada, com desengordurantes de marga calcária amarela clara e com uma resistência menor do que o habitual provocando fracturas grosseiras. A pasta denota ainda um aspecto homogéneo, a olho nú, diferenciando-se, através do recurso a uma lupa, a argila castanha clara-rosada dos nódulos de marga calcária amarelados.

Ao longo da maior parte do tempo de estudo deste espólio, pensei que estes exemplares poderiam ser constituintes de um qualquer fabrico de imitação próximo de Andújar e, por isso, as percentagens de exemplares tratadas no cap. IV estão apresentadas de modo a possibilitar a individualização destes exemplares no contexto da *Terra Sigillata* Hispânica.

Com um aperfeiçoamento da descrição macroscópica deste conjunto de peças e uma leitura mais aprofundada da obra de F. Mayet, 1984, colocou-se a possibilidade deste fabrico se relacionar com uma das descrições apresentadas em apêndice na referida obra. Com efeito, as análises petrográficas definem quatro grupos de pastas/fabricos, sendo que o primeiro, que é também o mais antigo, é composto pelas cerâmicas mais ricas em calcário, na ordem dos 19%, em contraste com os valores dos grupos seguintes (grupo 2 - 11,8%; grupo 3 - 7,35%; grupo 4 - 2,74%) (MAYET, 1984: 312). A calcite é o principal mineral de todos estes grupos; as elevadas percentagens presentes no Grupo 1

conduzem a uma estratégia técnica que pode explicar a caracterização do espólio de *Mirobriga*: as grandes quantidades de calcário requerem altas temperaturas de cozedura para que os minerais do calcário se mesquem com os restantes elementos da argila formando uma pasta homogénea. Para que os minerais calcários, ricos em carbonato de cálcio, não retornem ao estado original após a fusão, é necessário uma cozedura oxidante, livre de carbono no ar circulante do forno, proporcionando a transformação do carbonato de cálcio em óxido de cálcio. A pasta daí resultante tem um aspecto homogéneo, claro, mas é frágil, devido à cozedura oxidante, enquanto que o verniz, graças às altas temperaturas, dificilmente adquire tonalidades avermelhadas; uma cozedura redutora resultaria, no entanto, devido à forte componente calcária da argila, numa pasta desagregada, por causa da presença individualizada dos minerais neófitos ricos em carbonato de cálcio (IDEM, 1984: 312).

Mayet considera este grupo 1 como uma tentativa da realização de *Terra Sigillata*, que não terá passado ainda de uma imitação. Aquela que pode ser considerada uma primeira tentativa conseguida de fabrico da *Terra Sigillata* - e que corresponde ao apogeu do centro de Andújar - é a constituída pelo grupo 2, cujas pastas são menos ricas em calcário, para que, através de uma cozedura mais redutora e de temperaturas menos altas, se consiga obter uma cerâmica consistente e com um verniz mais avermelhado (IDEM, 1984: 312).

Não é fácil, nem de todo possível, concluir a identificação do espólio de *Mirobriga* com o grupo 1 de Mayet, sobretudo porque os campos de análise são diversos - macro e microscópico; no entanto a descrição das pastas dos exemplares de *Mirobriga* parece coincidir com a do grupo 1, deixando em aberto esta hipótese.

No espólio de *Mirobriga*, dois tipos - curiosamente dos mais precoces do centro de Andújar - englobam-se neste conjunto. O tipo Drag. 15/17 está representada por um fundo, como o n.º 85, de forma análoga à dos congéneres de Andújar; ou um bordo como o n.º 86, que, pela orientação parece pertencer a esta forma, embora apresente uma espessura (0,4 cm) e diâmetro bastante reduzidos. A forma Drag. 27 está representada pelos n.ºs 87, 88 e 89, todos eles com perfil hispânico, sem lábio e o troço superior da parede com uma curvatura longe do quarto de círculo; e um fundo, o n.º 90 - que poderá ser igualmente do tipo Drag. 24/25, hipótese menos provável se aceitarmos a nomenclatura de Grupo 1, pois o tipo 24/25, ao contrário do 27, apenas começa a ser fabricado após meados do séc. I (IDEM, 1984: 45).

2.3.1.2. *As Formas Decoradas*

A forma Drag. 37 é a mais comum do repertório das decoradas. *Mirobriga* possui um fragmento de bojo, o n.º 91, apresentando parte de uma métopa com um motivo vegetal estilizado (roseta) - característica da maior parte dos vasos hispânicos -, e linhas ondulantes - mais próximas dos modelos sud-gálicos. Mayet aceita a proposta de datação da forma intermédia, Drag. 29/37, em torno de 70 d.C., considerando-a contemporânea à forma *Drag. 37* até fins do séc. I ou começos do séc. II (MAYET, 1984: 50).

Os n.ºs 92 e 93, pela sua pequenez, não permitem perceber exactamente qual a forma e o motivo representado, parecendo, no entanto, que o primeiro exemplar contém um tema vegetal. Ambos estão englobados em círculos denteados o que parece excluir uma datação tardia, pois o traço dos círculos, decoração bastante frequente, torna-se liso na fase final da produção (IDEM: 52).

2.4. *Marcas e Grafitos de Tritium Magalium e Andújar*

De todas as marcas de oleiro, apenas uma é proveniente de Tritium:

] MA. OF (marca n.º 24, de uma *Drag. 27*, de Ferrer-Dias, 1976-7).

As restantes marcas são provenientes de Andújar:

EX OF CAH (marca n.º 22, de forma indeterminável, de Ferrer-Dias, 1976-7)

EXOFCS (marca n.º 23, de forma indeterminável, de Ferrer-Dias, 1976-7)

] XOF [(marca n.º 25, de *Drag. 27?*, de Ferrer-Dias, 1976-7).

Existem ainda grafitos incompletos deste último centro:

IMA (grafito n.º 30, de *Drag. 24/25 ou 27*, de Ferrer-Dias, 1976-7)

IMÀ (grafito n.º 31, de *Drag. 18*, de Ferrer-Dias, 1976-7)

LVCI (grafito n.º 32, de forma indeterminável, de Ferrer-Dias, 1976-7)

A[.]C (grafito n.º 33, de forma indeterminável, de Ferrer-Dias, 1976-7).

2.5. *A Terra Sigillata Hispânica Tardia*

Mirobriga possui apenas dois exemplares, o n.º 94 (Drag. 37T) e o n.º 95 (Drag. 37T ou 42), publicados por L. Ferrer-Días (1976-7). Embora pequenos, os fragmentos evidenciam decoração característica de um segundo estilo, com grandes círculos complementados com decoração variada, datado dos séculos IV e V (BELTRÁN-LLORIS, 1990: 119).

3. *A Terra Sigillata* Foceense Tardia

3.1. *Terminología*

O estudo pioneiro acerca desta cerâmica da antiguidade tardia deveu-se a Waagé, o qual, em 1933, baseando-se nos dados das escavações da Ágora de Atenas, determinou um conjunto de formas, caracterizado por pastas e técnicas de fabrico comuns, o qual denominou *L(ate) R(ornan) C*, à falta de conhecimento do local de origem dos recipientes (HAYES, 1972: 323).

Deve-se a Hayes o trabalho de referência realizado sobre esta tipologia. Em 1972, em *Late Roman Pottery*, o autor estabeleceu os dez tipos actualmente considerados, caracterizou as técnicas de fabrico, as pastas e indicou fortes pistas sobre o local de produção. Baseando-se, igualmente, nas escavações da Ágora de Atenas, e também nas de Antioquia, Hayes adiantou, contudo, conhecimentos mais pormenorizados sobre o problema: a cerâmica parecia ser proveniente da Ásia Menor, tendo prováveis ligações com a cerâmica de Çandarli antiga. Embora podendo ter várias oficinas de fabrico, deveriam todas pertencer a uma mesma área de produção e extracção de argila. Ainda neste estudo, incluiu esta tipologia na *fine red-slip ware*, a par das *terra sigillata chiara* (embora não as identifique), distinguindo das *red-gloss terra sigillata*. A distribuição e relações com as cerâmicas de Pérgamo colocaram-lhe a hipótese de o centro de fabrico se situar algures nesta região, mais provavelmente no Nordeste do Egeu ou na região de Dardanelos. No entanto, sendo a certeza da sua origem desconhecida, opta pela aplicação de uma nomenclatura anónima, seguindo o termo de Waagé (IDEM: 323).

Em 1980, o mesmo autor (HAYES, 1980: 59) adopta o nome de *Phocean red-slip ware*, no seguimento de uma informação fornecida

por M. Picon. O estudo deste último investigador, realizado com F. Mayet e publicado em 1986, baseou-se em amostras do Ocidente (11 fragmentos do Sul da Gália, 5 de Marselha, 1 de Montaday, 5 de Port-Vendres, 18 de Belo), do Oriente (21 de Apameia, 6 do porto de Antioquia) e da Fócea. Demonstrou que este centro foi realmente o exportador das cerâmicas, ou que, pelo menos, terá desempenhado um lugar de destaque. Os autores propuseram, desta forma, a terminologia de *Sigillata foecense tardia* (MAYET; PICON, 1986: 133).

Embora o termo pareça inadequado, ao englobar o conceito de *sigillata*, pela ausência de selo e pelas características da cobertura destas cerâmicas, o facto de individualizar a área de produção afigura-se um argumento mais forte para a sua aceitação.

3.2. *Os Dados de Mirobriga. Características e Cronologias*

Dos cinco exemplares existentes, apenas dois se encontram no depósito de sítio e é sobre eles que recai a descrição. Os outros três recipientes (forma **Hayes 3**) estão publicados por Manuela Delgado (DELGADO, 1988), pertencendo a um espólio depositado, na altura, no Museu Municipal de Santiago do Cacém⁽⁴⁾. Um número que se poderá considerar reduzido tendo em conta o carácter urbano do sítio, mas correspondente ao escasso espólio conhecido no território actualmente português.

Os exemplares do depósito de *Mirobriga* apresentam uma cozedura bem feita produzindo uma cor uniforme, excepto no exterior do bordo, o qual se apresenta enegrecido pela exposição aos gases em circulação no interior do forno, na fase final da cozedura, realizada num processo redutor (HAYES, 1972: 324). A pasta apresenta pequenas partículas de cal, mas uma textura homogénea, sendo de uma cor laranja-avermelhada, mais próxima desta última. Segundo Hayes, estes aspectos são característicos de uma fase mais recente da produção, embora não especifique (ÍDEM: 324). A cobertura vermelha envolve toda a superfície e apresenta-se cuidadosamente polida. De fraca espessura confunde-se com a parede, embora seja de um tom mais avermelhado do que esta última.

⁽⁴⁾ Informação oral da Dra. Manuela Delgado.

As peças integram-se na forma *Hayes 3*, taças de bordo vertical formando uma orla na sua parte inferior. Embora o campo de análise seja reduzido, confinando-se ao bordo e a uma pequena parte do corpo, é possível, com alguma margem de segurança, embora não se conheça o fundo das peças, determinar quais as variantes respectivas. Assim, o n.º 96 parece pertencer à forma **Hayes 3C**, caracterizada por um bordo vertical alto, espessado externamente, formando uma orla estreita pequena no fundo. A face externa é plana ou ligeiramente côncava. O topo é plano, com o ponto mais alto, geralmente, do lado externo; ou ligeiramente convexo. Pode apresentar decoração a roleta, no exterior, com linhas de um a três sulcos. O n.º 97 parece pertencer à forma **Hayes 3E**, sendo esta uma continuação da forma C, de bordo vertical, mas com uma maior saliência no fundo. O topo é plano ou côncavo, com um pequeno pormenor de fabrico na junção com a parede da peça (IDEM: 329-31).

Hayes não é peremptório quanto à cronologia inicial da forma 3: está ausente nos níveis do séc. IV da Ágora de Atenas, estando apenas bem representada a partir do terceiro quartel do século imediato. Substitutas da forma 3A, as congêneres B e C demonstram desenvolvimentos e uma standardização do fabrico, superiorizando-se, em termos quantitativos, na Ágora de Atenas, à *Terra Sigillata* Africana. A sua cronologia parece balizar-se de c.460 a c.475. A forma 3E é precisada, em termos estilísticos do esquema decorativo, no último quartel do século V (IDEM: 337). A decoração a roleta, técnica datada dos séculos V e inícios do VI, vem apenas confirmar a proposta (IDEM: 324).

4. Contributo para a História Económica de *Mirobriga*

O espólio estudado, embora de número que permita um tratamento quantitativo minimamente coerente, deve ser entendido apenas como uma aproximação ao universo da *Terra Sigillata* importada ao longo da História deste centro urbano. Os quantitativos são apresentados de três maneiras: em número absoluto, em número percentual e sob a forma de “importação média anual”.

Se os quantitativos absolutos são essenciais para a demonstração das qualidades estatísticas do espólio, já os restantes dois quantitativos relativos assumem uma importância maior na análise e interpretação dos ritmos económicos. A “importação média anual” é um instrumento

estatístico utilizado frequentemente nos trabalhos mais recentes acerca desta temática e aplica-se dividindo os totais brutos pelos anos de duração de cada fabrico. Tem sido aplicado às importações de *Terra Sigillata* Africana e *Terra Sigillata* Hispânica alto-imperial. Tal como consta na monografia sobre o sítio de Represas, Beja (LOPES, 1991. 95), os valores médios considerados, no presente estudo, são os de 100 anos, para a T.S.H.; de 180 anos para a T.S.Af. A; e de 250 anos para as T.S. Af. C e D.

Contudo, e tendo em consideração que espólios como o de *Mirobriga* não possuem relação estratigráfica conhecida, estes cálculos relativos aos conjuntos das produções tornam-se demasiado estáticos; para além disso, deve-se tomar precaução na aceitação dos resultados pois as produções possuem diferentes longevidades. Sendo verdade que sem a variável estratigráfica não é possível determinar mais rigorosamente o ritmo cronológico das importações, pois a importação média anual transforma os resultados estatísticos numa constante, procurei estabelecer, com base nas cronologias propostas no *Atlante*, um cálculo da “importação média anual” para cada fase das produções de T.S. Af. A, C e D. Esta estratégia permite uma apreciação mais minuciosa dos ritmos económicos, pois as fases / linhas produtivas apresentam, como é óbvio, limites cronológicos mais pequenos. Para além disso, tem como base uma outra constatação: falar apenas de T.S.Af. A, C ou D significa, por vezes, entender como fases sucessivas, produções que podem entrar em competição entre si. É, sobretudo, o caso das produções hispânicas, com as *A1* e *A1/2* de Cartago; ou da *A2*, com as *C1* e *C2* da Bizacena e das produções *C3* e *C4*, com as *D1-primeira fase* e *D2-primeira fase* de Cartago. Seria, assim, importante analisar os módulos de importação de *Mirobriga* tendo em conta estes factores. Como já dito atrás, os limites cronológicos propostos baseiam-se no *Atlantei*⁵ e são os seguintes: *A1* (80 anos), *A1/2* (50 anos), *A2* (60 anos); *C1* (75 anos), *C2* (85 anos), *C3* (150 anos), *C4* (110 anos); *D1-primeira fase* (210 anos), *D2-primeira fase* (120 anos); *T.S.Af C/E* (150 anos)⁶.

⁵ Ver supra, cap. 1, relativo às produções africanas.

⁶ Ver Quadros em anexo.

No espólio de *Mirobriga*¹), as importações norte-africanas dominam claramente, representando 81,2 % do total, sendo 72,4% constituído por TS.Africana e 8,8% por Cerâmica Africana de Cozinha; a *T. S.* Hispânica cifra-se nos 17,5%; seguem-se as percentagens escassas da *T.S.* Foceense Tardia (1,1%) e da *IS.* Hispânica Tardia (0,2%). Contabilizando apenas a *Terra Sigillata*, a *T.S.* Africana aumenta o seu poder percentual para 79,4%; a *T.S.H.* alto-imperial apresenta 19,2% e as produções hispânicas foceenses tardias passam para valores de 0,2% e 1,2%, respectivamente.

No conjunto da *T.S.* Hispânica, a percentagem de formas decoradas é pequena, como já era de esperar (LOPES, 1991: 54), cifrando-se em apenas 10,2%, contra 89,8% de formas lisas. Relativamente ao total de exemplares, a produção bética de Andújar domina claramente, com 66,6% (0,52 em termos de importação média anual), número ao qual ainda se deve acrescentar os 8,9% de imitação? ou grupo I de F. Mayet deste centro (neste caso, o valor de imp. méd. an. de Andújar passaria para 0,59), contra 24,3% (0,19 de imp. méd. an.) de *Tritium Magalium*. No todo das hispânicas alto-imperiais, deve-se salientar que apresentam um valor de importação média anual alto (0,78), explicando, em parte, a fraca aquisição de *T.S.* Af. A até meados do séc. II.

As importações a partir do vale do Ebro chegam a *Mirobriga* entre os meados do séc. I e a primeira metade da centúria seguinte. Dominam as formas de imitação dos modelos gálicos (Drag. 15/17, 33?, 18, 24/25, 27, 30, 37), face às de perfil hispânico (Lud. Tb, Hisp. 4 e 10).

No reduzido repertório formal fornecido por Andújar, entre os meados do séc. I e a segunda metade do séc. II, destacam-se as Drag. 15/17 e 27 (as únicas produzidas também pelo referido fabrico de imitação), embora também se registem as Drag. 18 e 24/25. Se se classificar parte do espólio no grupo I de Mayet, então, poder-se-á ter um registo das importações mais antigas de Andújar, representadas somente pelas formas Drag. 15/17 e 27.

Passando a examinar o espólio de *T.S.* Africana, deve-se dizer que, em termos percentuais, as produções A e C equivalem-se, com 40,1% e 42,0%, respectivamente; a produção D encontra-se já fracamente representada, com 10,5% do total de *Terra Sigillata*. A *T.S.*Af. C/E é escassa: 0,9%. Os valores de importação média anual já permitem dis-

(¹) Ver Quadros em anexo.

tinguir a competitividade entre as produções A e C: a primeira apresenta um valor de 0,7, enquanto que a segunda apenas de 0,5. Confirma-se, por seu lado, a ideia acerca da *IS.Af. D e C/E*, com 0,1 e 0,02, respectivamente.

Na produção de *T.S.Af. A*, proveniente da área de Cartago, é notória a força que, gradualmente, esta produção vai ganhando no mercado mirobriguense: a produção *A1*, decorrente entre os anos 70 do séc. I d.C. e os meados do séc. II, ainda não é importada em grande quantidade (representa 7,7% do total de *T.S.Af. A* e o seu valor anual de importação é de 0,1). As taças de imitação dos produtos itálicos, gálicos e hispânicos, Hayes 3B,C, 5C, 6 e 8A, presentes em *Mirobriga*, não conseguem, assim, tornar-se um produto de grande aceitação, apesar da qualidade de fabrico. E a partir de meados do séc. II, a par de uma diminuição da qualidade das peças, que estas produções começam a alcançar um lugar de destaque.

A fase *A1/2*, com um maior leque formal, englobando peças de imitação (Hayes 6B, 8A, B, 9A, B), mas também de criação própria (Hayes 26 e 27) representa 26,3% e possui uma importação média anual de 0,6. Os altos quantitativos das formas Hayes 26 e 27, preludivam um fenómeno que se irá cristalizar no séc. III, através da *T.S.Af. C*: a importância dos pratos e taças muito abertas, características deste gosto africano em consolidação.

Os recipientes da fase *A2*, produzidos entre os finais do séc. II e meados do séc. III, de clara menor qualidade tecnológica, invadem o mercado da cidade (constituem 65,8% do total de *T.S.Af. A* e a sua média anual é de 1,4 - se se tivesse considerado aqui a Cerâmica Africana de Cozinha, de engobe *A2*, este valor subiria para 1,9): o repertório formal alarga-se (Hayes 6B, C, 8B, 9B, 26, 27, 31), nele se destacando a taça Hayes 14. Curiosamente o prato Hayes 26, 27 tem um valor semelhante aos das outras formas; uma hipótese explicativa poderá ser a preferência dos compradores pelos pratos e taças esvasadas produzidas em *C1*.

Os produtos da Bizacena estão muito bem representados no séc. III, dominando o mercado de *Mirobriga*. A *T.S.Af. C1*, produzida entre os inícios do séc. III e o terceiro quartel da mesma centúria (podendo atingir os inícios do séc. IV), e a *C2*, datada entre 240 e 325, constituem 51,1% e 28,8% do total de *T.S.Af. C*. O valor da importação média anual da primeira é de 0,9 e o da segunda é de 0,4. Do conjunto formal destes dois fabricos de grande qualidade é de destacar, em ambos,

a tigela Hayes 50A. Fabricados em C1 encontram-se ainda as taça Hayes 44 e a tigela Hayes 45B e o prato Hayes 49. O cantil “Forma «Atlante», tav. XXXI, 18”, decerto um objecto de maior valor, não só pelo fabrico, mas também pelo transporte, exemplifica este apogeu do poder aquisitivo em *Mirobriga*. Em C2 encontra-se, igualmente, a tigela Hayes 45B e o prato Hayes 49.

A produção C3 ainda se encontra bem representada, pelas formas Hayes 50A/B, B e 52B, ao longo do séc. IV / primeira metade do séc. V. Embora o seu valor médio anual de importação seja de 0,1, a sua percentagem é de 18,5.

Mais do que os produtos da C3, os da C4 (entre o último quartel do séc. IV e o penúltimo do séc. V) sofreram a concorrência da área de Cartago, que, entretanto, ressurge. O leque formal é restrito, tal como com a C3 (apenas duas formas, as taças Hayes 73B e Delg., 1968), mas é percentualmente bastante mais fraca, com um valor de 1,4%. A média anual de importação desce para níveis muito baixos: 0,01.

Nos primeiros três quartéis do séc. IV, *Mirobriga* adquire igualmente o prato Hayes 58A, em *T.S.Af. C/E*, da Tunísia. Representa somente 0,95% do total e a sua média anual cifra-se em 0,02.

O reinício da laboração das oficinas da área de Cartago corresponde em *Mirobriga* à aquisição desses produtos, em valores que suplantam as importações da Bizacena - C3 e sobretudo C4 - contemporâneas parcialmente. Embora também pouco representadas, as cerâmicas produzidas em *T.S.Af. DI-I^a* fase e *D2-I^a* fase constituem 79,4% e 20,6% do total de *T.S.Af. D*, com médias anuais de 0,1 e 0,02. Assim, a produção *DI-I^a* fase, datada entre os inícios do séc. IV e todo o séc. V, foi mais capaz de competir com as cerâmicas contemporâneas da Bizacena, apresentando um novo conjunto formal: as tigelas Hayes 58A (também adquirida em *T.S.Af. C/E*, nos três primeiros quartéis do séc. IV), B, 59A e 61 e a taça Hayes 91A e B. A produção *D2-I^a* fase, datada entre finais do séc. IV e inícios do séc. VI, é residual; está representada pela tigela Hayes 61 e pelas últimas peças a atingir *Mirobriga*., na segunda metade do séc. V / inícios do séc. VI: as taças dos tipos Hayes 80, 87 e 110.

Algures nos sécs. IV ou V, um fragmento de Drag. 37T e outro de Drag. 37T ou 42, em *TS.Hispânica Tardia*, proveniente do Nordeste peninsular, alcança *Mirobriga*, indiciando a retoma ou continuação das ligações com essa área, se bem que de forma pontual.

Na segunda metade do séc. V, podendo prolongar-se pela centúria

seguinte, chegam a *Mirobriga* as cerâmicas da Fócea, nomeadamente a forma Hayes 3 e variantes 3C e E. Embora residualmente (1,1% do total de *Terra Sigillata*), introduzem uma nova área económica (Mediterrâneo Oriental) fornecedora de *Terra Sigillata* na cidade.

Por razões de ordem tecnológica, e não cronológica, apenas agora se trata da Cerâmica Africana de Cozinha. Os exemplares de *Mirobriga* percorrem uma extensa cronologia, entre o reinado de Tibério e os finais do séc. V, devido às cerâmicas com polimento em bandas (Hayes 23B), que representam 10,2%, e com patina cinzenta (Hayes 23B e Ostia II, fig. 306), que representam 12,8%. No entanto, a maioria dos recipientes, 76,9%, é constituída pelas formas Hayes 23B, 181 e, ainda, uma tampa (Hayes 196 ?) e uma forma fechada indeterminada, com engobe A2. Este conjunto, relacionado tecnologicamente com a *T.S.Af. A2*, centra-se, cronologicamente, nos finais do séc. II e primeira metade do séc. III, a par do apogeu das importações de *TS.Af. A* de Cartago e *TS.Af. Cl* da Bizacena, fornecendo outro indicador da evolução do gosto africano nos hábitos quotidianos de *Mirobriga*.

É possível, pois, definir alguns períodos cronológicos na história económica de *Mirobriga*.

No séc. I e primeira metade do século seguinte são importados cerca de 21,4% do total de cerâmicas estudadas aqui. É nesta fase, nomeadamente no terceiro ou último quartel do séc. I, que se constrói, em *Mirobriga*, o complexo religioso da área do *forum*\ a construção do circo será posterior, seguindo-se, nos inícios do séc. II, a edificação das termas este (BIERS, ET AL., 1988. 140).

Apenas 10,4% pertencem à segunda metade do séc. II, o que poderia indiciar um período de crise económica na cidade. Na verdade, o que parece acontecer não será tanto um declínio económico, mas uma reformulação na estratégia económica: segundo Biers, et al. (1988: 140), na segunda metade do séc. II, o complexo de banhos públicos é ampliado com a construção das termas oeste; os períodos antonino e severiano correspondem à maior prosperidade económica deste centro urbano; a cerâmica proveniente das escavações luso-americanas indica uma economia mais regionalista, em detrimento das importações de longa distância. No séc. II, o próprio material anfórico provém apenas da *Baetica* (Dressel 20) e do vale do Sado (Dressel 14).

No séc. III importa-se 51,9% da *Terra Sigillata*, retomando-se as importações, agora numa escala bem elevada, com Cartago e Bizacena. Uma moeda de Alexandre Severo data uma possível reconstrução do

circo (IDEM: 140). Antes do final da centúria, alguns equipamentos da cidade são abandonados, como as termas, na segunda metade deste século.

No final do séc. IV, a cidade parece ter uma ocupação mais reduzida, embora ainda se encontrem materiais na área do *forum*, na área habitacional junto à Capela de S. Braz e mesmo no circó (IDEM: 140). O decréscimo acentuado no nível de importações no séc. IV pode, assim, não corresponder a um efectivo êxodo do meio urbano⁽⁸⁾. De facto, apenas 11,2% das importações correspondem a esta centúria; e apenas 5,6 e 0,6% aos sécs. V e VI, respectivamente, o que revela uma contracção económica progressiva de *Mirobriga*, terminando, possivelmente, nos inícios do séc. VI.

5. A Área de Relação Directa com *Mirobriga*

Devido à raridade de dados arqueológicos conhecidos nesta área é muito difícil delinear uma organização geo-económica.

Sabe-se que *Mirobriga* usufruiu do estatuto de capital de *civitas*, controlando um *territorium* hipotético que, segundo J. Alarcão, confinaria, a Sul, com a *civitas* de *Arandis*, traçando uma fronteira a norte do rio Mira, que ficaria assim controlado por este centro; a Este faria fronteira com a *civitas* de *Pax lulia*, controlando ainda a margem direita do Sado; o baixo Sado ficaria sob a alçada da *civitas* de *Salacia* (SERRÃO; MARQUES, 1990: 367).

A aplicabilidade do conceito clássico de cidade, enquanto centro predominantemente político e religioso, no topo de uma hierarquia urbana, em cuja rede seria o principal centro redistribuidor e consumidor, relegando para centros secundários as actividades produtivas (ABASCAL; ESPINOSA, 1989: 44 e *passim* - 181 e *passim*; MANTAS, 1990: 150) pouca ou nenhuma base empírica encontra no que se conhece de *Mirobriga* e respectiva região. Não deixa de ser interessante notar que outros autores colocam a possibilidade de *Mirobriga* ter desempenhado sobretudo estas funções: Biers, et. al, 1988 defendem que a pequenez do perímetro urbano e a extensão relativa da área ocupada por edifícios monumentais pode apontar nesse sentido, enquanto que J. Alarcão

⁽⁸⁾ Uma questão idêntica, para a mesma época será referida, no próximo capítulo, acerca da Ilha do Pessegueiro.

(1988b: 173) problematiza igualmente a funcionalidade do *forum*, cuja planta, ainda incompleta, pode sugerir um primado de funções religiosas.

Ainda que muito limitados, estes pressupostos podem servir de enquadramento a uma análise da área em questão.

A *villa* da Herdade dos Conqueiros, Alvalade-Sado (AMARO, 1979: 80-1), situa-se na margem direita do Sado, nas proximidades do eixo viário que ligava *Mirobriga* a *Pax Iulia* (MEDINA, 1993: 220). A cronologia de ocupação, embora baseada em escassos materiais, parece variar entre os sécs. I e IV (AMARO, 1979: 80) - no conjunto do espólio exumado, conta-se um fragmento de Drag. 18 hispânica (séc. I); um fragmento de Hayes 9A = Lamb. 2a (séc. II) e Hayes 32/58 (séc. IV), em TS.Africana; bem como um bordo de ânfora Beltrán I bética (séc. I).

No sítio da Courela dos Chãos, perto de Sines, foram efectuadas sondagens sob a direcção de M. Farinha dos Santos, no ano de 1972, tendo-se detectado um troço de calçada e parte de um hipocausto; os materiais foram publicados em 1987 (COELHO-SOARES, 1987: 193). A sua cronologia de ocupação situa-se entre os sécs. I/II e VI. Num total de 60 fragmentos de *T.S.*, sem estratigrafia, a *T.S.H.* está ausente, constata-se três fragmentos de *T.S.* Sud-Gálica, seis de *T.S.* Af. A, um de *T.S.* Af. C, 22 de *T.S.* Af. D, 28 peças têm origem e forma indetermináveis. A *T.S.* Af. A está representada pelas formas Hayes 9, 14, 27 (sec. II / primeira metade do séc. III); no séc. III / inícios do séc. IV importou-se Hayes 50 em *T.S.* Af. C; desde finais do séc. III / inícios do séc. IV até séc. VI estão presentes as formas de *T.S.* Af. D, Hayes 58, 59, 60, 61 A, B, 67, 91 ou 92. Dos catorze fragmentos de material anfórico contam-se a forma Dressel 14, sécs. I/II (1 ex.); a Aim. 51c, sécs. III/V (12 exs.) e a Beltrán 56 ou "Africana Grande", da Bizacena, sécs. III/IV (1 ex.). A presença mais forte da *T.S.* Af. D (sécs. IV a VI), bem como das ânforas da "segunda fase", pela forma Aim. 51c deixa antever um primado de ocupação no Baixo Império.

A informação relativa a Sines também é escassa: apenas se conhecem os exemplares anfóricos provenientes das duas escavações realizadas em 1961-2 (Dressel 14, Beltrán 52, Aim. 50, 51a-b, 51c; Dressel 20, Key XLI, XXV, XXXVIB), não estando publicado qualquer fragmento de *T.S.* - F. Almeida (1968-70: 19) apenas refere a existência de "*Sigillata*"; nestas sondagens detectaram-se um forno de cerâmicas, próximo da muralha do castelo, e um conjunto de cetárias, junto

à falésia sobre a praia (DIOGO; REINER, 1987: 114). Segundo R. Étienne e F. May et (1993-4: 209), a capacidade produtiva destas estruturas de confecção de preparados de peixe rondaria os 34 634 m³, bem próximo da capacidade das estruturas da Ilha do Pessegueiro, D 14 e PI6, com 36 265 e 41 426 m³, respectivamente (ÉTIENNE; MAYET, 1993-4: 209). Os elementos arquitectónicos da Antiguidade Tardia identificados por F. Almeida (1968-70) sugerem, segundo C. Fabião (1993-4: 228), um estatuto urbano.

Os dados da Ilha do Pessegueiro são os mais completos e coerentes. Situada a cerca de 35 Km de Garvão e 12 Km da foz do rio Mira e a 27 Km de *Mirobriga* funcionaria como uma “placa giratória” entre estas duas realidades geo-político-económicas.

C. Tavares da Silva e Joaquina Soares (1993) determinam três fases principais para o âmbito cronológico que interessa analisar.

Na Fase II A, “fundação do entreposto comercial na segunda metade do séc. I”, a *T.S.* Sud-Gálica representa 69% das importações de *Terra Sigillata*, enquanto que a *IS.H.*, se cifra em 30% e a *T.S.Af. A* em 0,3%. 37% dos exemplares hispânicos provêm de *Tritium* (Drag. 37, 18, 24/25, 25/36 e sobretudo, Drag. 15/17 e 27), enquanto que 17% são originários de Andújar (Drag. 18, 24/25 e, sobretudo, Drag. 15/17 e 27) e 20 % são de fabrico indeterminado. A *T.S.Af. A* está representada apenas pela forma Hayes 8A (SILVA; SOARES, 1993: 85-87).

Na Fase II B (séc. II e primeira metade do séc. III), caracterizada por uma diversificação económica, com a instalação de cetárias para a produção de salgas de peixe, os valores da *T.S.* Sud-Gálica descem para 3,1%; enquanto que os da *T.S.H.* sobem para 56,8% e os da *T.S.Af. A* para 39,7%; surge ainda a *T.S. Af. C*, com 0,4%.

O volume de importações de *T.S.H.* aumenta bastante nesta fase, correspondendo-lhe 64% do seu total, enquanto que os restantes 36% pertencem à fase anterior, II A. Este aumento da aquisição é inversamente proporcional à variedade formal: ambos os centros produtores, *Tritium* e Andújar, apenas exportam os tipos Drag. 15/17 e 27. A produção bética ultrapassa a do Nordeste peninsular: Andújar totaliza 83% dos exemplares, *Tritium* apenas 14% e o nível de peças de origem indeterminada desce para 3%. A *T.S.H.*, nomeadamente de Andújar, domina sobre a *T.S.Af. A*, até cerca de 160 ou 170, altura em que a situação se inverte. A *T.S.Af. A*, exportando sobretudo os tipos Hayes 14, 27, mas também as formas Hayes 3, 6, 8, 9, 15, 16 suplanta, então, as mercadorias continentais, permitindo o aparecimento, na primeira metade

do séc. III, da forma Hayes 45, em *T.S.Af. C*. Na fase II B chegam também à Ilha do Pessegueiro recipientes de Cerâmica Africana de Cozinha: Hayes 23B, em A2; no conjunto das fases II B e II C, os oleiros produtores desta cerâmica da área de Cartago fornecem ainda os tipos Hayes 196, Ostia I, fig. 261 e Hayes 197 (**IDEM**: 101-9).

Os autores interpretam a Fase II C (segunda metade do séc. III a fins do séc. IV / inícios do séc. V) como indicadores de uma “especialização funcional” (**IDEM**: 183), com um esbatimento acentuado do comércio a longa-distância. A ilha abandonaria a sua vocação de entreposto comercial para se concentrar numa produção de salgas de peixe, agora definida como “industrial”, mais “variada e sofisticada”, atendendo à maior diversidade de dimensões e ao aumento do número de cetárias de pequeno tamanho. A duas unidades (talvez três) em funcionamento teriam a sardinha como principal produto para a confecção. A redefinição económica dos agentes da Ilha está bem patente nos dados da *T.S.* e do material anfórico. Do total de *T.S.* exumada nas escavações, 88% foi adquirida nas fases II A e B, ao passo que apenas 12% alcançam a Ilha na fase II C: estes 12% são constituídos por *T.S.Af. C* (Hayes 45A e 50) e pouquíssima *T.S.Af. D* (Hayes 59, 59 A, 61 e 61B, 91 ou 92). Embora se verifique o abandono, nos finais do séc. IV ou inícios do V, de algum equipamento urbano, como o balneário construído no séc. II; muitos edifícios continuam em uso e outros são levantados (um balneário e cetárias), negando, segundo os autores, a possibilidade de *dee lineo* do povoamento. A regionalização da economia expressa-se pelo material anfórico: cerca de 60% pertence a esta época e distribui-se pelos tipos Aim. 50 (o contentor mais usado na segunda metade do séc. III / inícios do IV), Aim. 51c (surge na primeira metade do séc. IV) e Aim. 50 a-b (surge nos finais do séc. IV ou inícios do V); apenas se registou um exemplar da ânfora da Bizacena, Beltrán 56 (**IDEM**: 111-3).

Em conclusão, e deixando de parte os dados precários de Sines, a primeira constatação sobre o conjunto de informações analisadas é a da similitude cronológica dos ritmos económicos, entre *Mirobriga* e a Ilha do Pessegueiro, embora o fim da ocupação desta última (fins do séc. IV / inícios do V) seja anterior ao da primeira (inícios do séc. VI?): ambos vivem o apogeu no séc. II, a par de uma gradual substituição da pela *T.S.Af. A*, a partir de meados da centúria; no séc. III, *Mirobriga* usufrui de uma maior integração nas redes de troca a longa-distância, importando muito mais *T.S.Af. C* do que a Ilha do Pessegueiro, cuja

reestruturação económica em meados do séc. III a desvia desse comércio, enquanto que, em *Mirobriga*, só nos finais do séc. III / inícios do IV se detectam transformações no equipamento urbano. O séc. IV é decisivo para ambos os sítios, no que respeita às importações de *IS* - a escassa *T.S.* Af. D demonstra uma conjuntura económica semelhante, provavelmente mais regionalizada, como parece ter acontecido já um pouco na segunda metade do séc. III. O facto do século IV indicar um desenvolvimento económico na *Lusitania* (MANTAS, 1991) e mesmo no Noroeste galaico (MARTINS; DELGADO, 1989-90), levanta a possibilidade das causas deste fenómeno terem uma origem regional. No séc. V, inícios do VI (?), apenas *Mirobriga* e o sítio da Courela dos Chãos subsistem, embora com fraca aquisição de *TS*. Af. D - em *Mirobriga* acresce ainda a importação de *T.S.* Foceense Tardia - este *terminus já* é perfeitamente aceitável no contexto da *Lusitania*, como se verá no capítulo seguinte.

6. A Difusão das Produções Africanas, Hispânicas e Foceense Tardia

Procurarei, neste ponto, abordar estes três grupos principais de temáticas de forma independente, mas em continuidade, pois o comércio destes diferentes bens interpenetra-se e só pode ser explicado conjugando os dados das diferentes partes.

Devido à sua parcial sincronia e importância nos mercados consumidores, os resultados estatísticos da *T.S.* Africana são vistos, num primeiro momento, em conjunto com os congéneres da *T.S.* Hispânica, diferenciando-se, sempre que possível, os dados de Andújar e de *Tritium Magalium*, embora este último ponto apenas seja desenvolvido mais adiante, quando se tratar da questão do comércio das cerâmicas peninsulares.

Na linha do pensamento de alguns autores que se têm debruçado sobre estas temáticas⁽⁹⁾, da problemática da comercialização da *T.S.* Africana e da *T.S.* Hispânica é possível abstrair dois grandes modelos

⁽⁹⁾ Veja-se, por exemplo, a obra de ETIENNE, MAKAROUN, MAYET (1994): 25- 9, respeitante a Tróia, na qual se aplicaram estes conceitos na interpretação dos resultados estatísticos do espólio de *Terra Sigillata*.

de difusão: um de carácter *continental e setentrional*, outro de feição *litoral e meridional*. Da análise dos quadros⁽¹⁰⁾ conclui-se a diferença de resultados entre *Conimbriga* e Represas, por um lado; e *Baelo, Mirobriga* e Tróia, por outro. Assim, os dois primeiros integram-se no âmbito do modelo *continental e setentrional* e os três últimos no *litoral e meridional*, sendo que a este grupo ainda se podem acrescentar os dados da Ilha do Pessegueiro, ao diferenciar a produção dominante de Andújar (difusão litoral e meridional) face à de *Tritium Magalium* (difusão continental e setentrional). Apenas S. Cucufate se situaria numa posição intermédia, através da qual as importações hispânicas e africanas se igualam estatisticamente. O caso de *Balsa*, pela especificidade da amostra publicada, requiere mais atenção, que não a de uma leitura imediata: os exemplares são numericamente reduzidos desvirtuando uma realidade que se colocaria, *a priori*, na esfera de difusão litoral / meridional.

Tal como já afirmado em investigações anteriores (DELGADO, 1968: 1), a *T.S.Af. A* está bastante bem representada no Sul, e desde cedo - último quartel do séc. I -, particularmente nos sítios mais meridionais, como na Abicada, Lagos (Hayes 3, 9), no Largo da Sé, Faro (Hayes 3) (apud IDEM, 1968: 48-50), Foz do Arade, Portimão (Hayes 3b, 8b) (SILVA; COELHO SOARES; SOARES, 1987: 205), ou em *Baelo* (Hayes 3, 6, 8, 9) (BOURGEOIS; MAYET, 1991: 386), *Mirobriga* e Ilha do Pessegueiro (SILVA; SOARES, 1993) contrastando com a sua fraca aquisição em *Conimbriga* (DELGADO, MAYET; ALARCÃO, 1975: 231), o que também acontece na capital da província lusitana, *Emérta Augusta*, onde, porém, estão documentadas também as formas precoces Hayes 3 e 6, embora com quantitativos muito reduzidos (apud LOPES, 1994: 71).

O Centro / Norte do território actualmente português, a partir da bacia do Mondego, revela uma preferência de contactos com as províncias da Tarraconense e da Gália, estando, assim, um pouco à margem da realidade que vai germinando no Sul, durante o último quartel do séc. I (ALARCÃO, 1987: 151). Pode considerar-se *Conimbriga* como o limite norte das importações de *T.S.Af. A*, a qual só surge esporadicamente nas regiões mais setentrionais do território actualmente português (DELGADO, 1968: 1). A sua difusão essencialmente litoral

(¹⁰) Ver Quadros em anexo.

(BELTRÁN-LLORIS, 1990: fig. 59) contorna a Península desde a costa leste, onde se faz sentir de forma assinalável desde momentos antigos (REYNOLDS, 1984: 475).

As formas existentes em *Conimbriga* (Hayes 15, 16 e 27), são todas tardias, da segunda metade do séc. II / séc. III (DELGADO; MAYET; ALARCÃO, 1975: 231) o que difere largamente do litoral sul peninsular. Embora os dados de *Balsa* sejam de pouco poder estatístico, apresentam aspectos até agora não encontrados noutros sítios meridionais: formas fechadas, de fabrico precoce, recuando à época flaviana (NOLEN, 1994: 97). *Balsa* terá sido o sítio em estudo que mais cedo participou nas redes de troca destes bens norte-africanos. Surgem igualmente formas abertas de cronologia antiga, nomeadamente os tipos Hayes 3b e 8a (finais do séc. I / séc. II) (IDEM: 97).

No séc. II, as importações de *T.S.Af. A* aumentam de importância, sobretudo nos sítios da orla marítima, mas alcançando igualmente, de maneira pontual, sítios interiores nos quais estavam ausentes as formas precoces, como Aljustrel (Hayes 14, 27) (ALARCÃO; ALARCÃO, 1966: 15; DELGADO, 1968: 48). As percentagens mais reduzidas de *S. Cucufate* ou *Represas* em relação a *Bado*, sobretudo quando comparadas com os números da *T.S.H.*, evidenciam a preferência pelos produtos peninsulares⁽ⁿ⁾.

Assim, a *villa* da Quinta de Marim (Olhão), que também iniciou a importação na segunda metade do séc. I, com as formas Hayes 2/3, 3, 3b e 3c, intensifica o processo na centúria seguinte complementando com as formas Hayes 14, 26, 27, 28 ou 29 (SILVA; SOARES; COELHO-SOARES, 1992: 342-7). Situação análoga verifica-se na Foz do Arade, Portimão (SILVA; COELHO-SOARES; SOARES, 1987: 205), em *Mirobriga* e Ilha do Pessegueiro (SILVA; SOARES, 1993). Em Tróia, se bem que representada por um número razoável, a *T.S.Af. A* produziu, segundo os autores, estatísticas desvirtuadas, pelo facto das escavações terem incidido em níveis mais recentes (ETIENNE, 1994: 25). A predominância das produções C e D tem, pois, de ser matizada. De facto, as escavações do Castelo de Alcácer do Sal (SILVA, ET AL., 1980-1: 192) revelam a importação de formas precoces (Hayes 3b e 8a), o que pode servir de contra-argumento aos resultados de Tróia.

Desde finais do séc. I, mas sobretudo no séc. II, a Cerâmica Africana de Cozinha, também ela originária da área de Cartago, acom-

⁽ⁿ⁾ Ver Quadros em anexo.

panha a importação da *T.S.Af. A*, sendo este o século de maior difusão na *Lusitania*, distribuindo-se, também, sobretudo pelos sítios do litoral - sendo que na costa este alcança as latitudes mais setentrionais - (BELTRÁN-LLORIS, 1990: fig. 102). Quase inexistente em *Conimbriga*, onde apenas se constata um fragmento de Hayes 181 (DELGADO; MAYET; ALARCÃO, 1975: 231), o seu âmbito de difusão foi exclusivamente meridional, no que respeita à *Lusitania*; em *Balsa* estão presentes as formas Hayes 23, 195, 196, 197 (NOLEN; REAL, 1994: 112); em *Baelo*, dos 715 exemplares, 76% pertencem ao tipo Hayes 23b (BOURGEOIS; MAYET, 1991: 248); embora a cronologia dos tipos Hayes 196, 197 se possa estender aos sécs. IV ou inícios do V, as estratigrafias, como a da Ilha do Pessegueiro têm revelado a grande concentração do espólio no séc. II⁽¹²⁾.

Excepto em Tróia, e provavelmente pelas razões já apontadas anteriormente, a *T.S.Pd. C* representa um decréscimo nos níveis de importação. Uma outra excepção é *Conimbriga* que, a partir de uma localização algo excêntrica, lentamente se integra na esfera de trocas destes bens. Esta integração não é total nem se pode extrapolar para as regiões mais setentrionais. Embora a *T.S.Pd. C* alcance o Noroeste, como Braga (MARTINS; DELGADO, 1989-90: 30), na verdade, desde a época flávia e mais acentuadamente desde os meados do séc. II, o tráfico marítimo decai; Naveiro Lopez interpreta este fenómeno como um resultado do amadurecimento da romanização, consubstanciado no desenvolvimento da rede viária e da produção e transacção de cerâmicas locais ou regionais, como a cerâmica “bracarense” (Naveiro Lopez, 1991: 131).

S. Cucufate aumenta os seus índices percentuais, mas os valores médios anuais apontam para um decréscimo das importações (ALARCÃO; ÉTIENNE; MAYET, 1990).

No território estudado apenas se regista uma forma fechada (cantil de corpo lenticular, em *Mirobriga*) desta produção que é considerada a primeira de carácter realmente “universal”, atingindo níveis de standardização no seu fabrico provocada pela sua crescente procura (*Atlante I*: 12).

A primeira metade do séc. III ainda é dominada pela *T.S.Pd. A*. Em meados dessa centúria, a produção C impõe-se definitivamente,

(12) Ver supra cap. 5.

sobretudo pelas formas Hayes 45 e 50, mas não atinge, no conjunto da *Lusitania*, os níveis da *TS.Af. A*. A variedade das formas também decresce: em *Emerita Augusta* e *Baelo*, a Hayes 50 representa 50 e 69 %, respectivamente, do total desta produção (apud LOPES, 1994: 78).

A importação de *T.S. Af. C* prolonga-se até à primeira metade do séc. V, mas desde o séc. IV que a *T.S.Af. D* exerce uma forte concorrência provocando que os valores das produções tardias da *C* sejam bastante mais baixos e alcancem poucos sítios: é o caso de *Mirobriga*, Tróia - C3 / C4 e C5, com as formas Hayes 52 e 82, 85, respectivamente - (ÉTIENNE; MAKAROUN; MAYET, 1994: 44).

Falta, pois, explicar as particularidades históricas peninsulares que provocam o decréscimo por vezes bem acentuado destas importações, mesmo no litoral (neste caso, a quebra registada em *Baelo* é bem evidenciadora dessa situação)⁽¹³⁾.

A conjuntura de finais do séc. II, inícios do III, certamente relacionada com a subida ao poder de Sétimo Severo, poderá explicar as mudanças vividas nas estruturas de produção lusitanas, particularmente as piscícolas. O abandono de cetárias como acontece na Praça do Bocage e na Trav. de Frei Gaspar, em Setúbal; bem como na Casa dos Bicos, Lisboa é seguido, no caso do segundo, por um remodelamento. Paralelamente, as lixeiras da área sadina apresentam numerosas ânforas. A nova fase no fabrico anfórico não parece indicar uma ruptura,

⁽¹³⁾ J. Hawthorne (1997) procura explicar o decréscimo percentual da *T. S. Af.* no séc. III, ao longo do Mediterrâneo, através de fenómenos sociais. Embora seja sempre mais difícil alcançar esse patamar de conhecimento, o raciocínio deste autor é bastante pertinente. Segundo Hawthorne, o decréscimo percentual dos recipientes é inversamente proporcional ao aumento de tamanho dos mesmos, ou seja, a passagem do primado das taças, nos sécs. I e II, para os pratos, no séc. III, explicaria o decréscimo das percentagens de fragmentos que seria, assim, irreal, pois um menor número de recipientes, agora maiores, satisfaria as mesmas necessidades de consumo. Esta mudança teria causas culturais - e não apenas económicas, como a da standardização a progressiva cristianização do Norte de África introduziria nas *elites* locais, hábitos alimentares comensais, em detrimento da prática mais individual anterior, requerendo recipientes maiores, como a Hayes 50. Visto que a cristianização do norte de África é mais antiga que a da península, a *T. S. Africana* importada nesta altura não se apresentaria com a mesma funcionalidade, continuando a ser importada como um bem de prestígio, pelas elites. A própria estética decorativa da *T. S.* só envereda por simbologias cristãs nos sécs. IV/V, apenas podendo falar-se, para essa altura, de um comportamento religioso na utilização peninsular da *T.S.*

mas um aperfeiçoamento (FABIÃO; CARVALHO, 1990:49 e *passim*). O *restabelecimento?* (em Ostia, nos finais do séc. II há um lapso nas importações lusitanas) das rotas comerciais dos preparados de peixe é o resultado, muito provavelmente, de um reequilíbrio económico da *Lusitania*. Sobretudo a partir da segunda metade do séc. III, os produtos lusitanos impõem-se no Mediterrâneo (ÉTIENNE; MAYET, 1993-3: 204). As escavações dos naufrágios, que contêm ânforas lusitanas, têm documentado vários aspectos comuns que convém salientar: excepto o naufrágio de Randello, Sicília, datado do primeiro quartel do séc. IV, que só contém ânforas Aim. 50, as restantes embarcações possuem cargas mistas lusitanas e africanas - sobretudo da Bizacena e Tripolitana -, existindo, também, casos de complemento com produtos héticos e gálicos (LOPES, MAYET, 1990: 299; ÉTIENNE; MAYET, 1993-4: 214). A importância da *Baetica* neste processo pode possuir o seu principal suporte nos dados do naufrágio Cabrera III, datado de 258 d.C., contendo ânforas lusitanas, bizacenas e béticas (LOPES; MAYET, 1990: 300). O papel desta província no processo comercial é demonstrado igualmente pela abundância de marcas de armadores béticos, em detrimento das de congêneres lusitanos, nas ânforas de Testaccio (apud MANTAS, 1990: 170). Outros dados literários, como dois textos do Código Teodosiano - C. Th., XIII, 5, 4 e XIII, 5, 8), dos anos 324 e 336, referem isenções atribuídas a naviculários hispânicos que comerciavam com Roma (apud REMESAL RODRIGUEZ, 1983: 117).

De uma forma generalizada, os sítios estudados importam *T.S. Af. D* de uma maneira bem mais significativa do que a *C. Se Bado* decrescera bastante os índices da *A* para a *C*, recrudescem-os agora repondo os níveis de aquisição antigos (BOURGEOIS; MAYET, 1991: 386). Tanto no interior como no litoral, nas áreas meridionais ou setentrionais, os abastecimentos fazem-se agora regularmente. *Mirobriga* e a Ilha do Pessegueiro⁽¹⁴⁾ destacam-se pela situação contrária. Para ambos os sítios, os meados do séc. IV representam uma viragem na sua história: as cetárias insulares são mesmo abandonadas nessa altura e *Mirobriga* perde claramente o seu poder de compra; em *S. Cucufate* verifica-se uma rarefacção dos níveis das importações a partir de meados do séc. IV (ALARCÃO; ÉTIENNE; MAYET, 1990: 47).

No séc. IV, as redes de troca destas cerâmicas encontram-se em

(14) Ver supra caps. 4 e 5.

pleno funcionamento de uma forma geral. A partir de meados dessa centúria, a *T.S.Af. D* impõe-se, ultrapassando a *C*, mantendo níveis de aquisição bastante estáveis até meados do séc. V, como demonstra a elevada presença das formas Hayes 58, 59, 61, 91 (LOPES, 1994: 82; ALARCÃO; ÉTIENNE; MAYET, 1990: 47; BOURGEOIS; MAYET, 1991: 386; ÉTIENNE; MAKAROUN; MAYET, 1994: 45).

O fim das importações no território lusitano levanta sérias questões e está longe de ser sincrónico. A ausência de decoração geométrica e dos estilos D e E de Hayes é, segundo os autores das monografias de Tróia, S. Cucufate e Represas a prova de que as importações cessam em meados do séc. V quando, nos centros produtores da Tunísia setentrional, se abandona a elaboração de motivos estampados em detrimento do novo estilo (ÉTIENNE; MAKAROUN; MAYET, 1994: 45; ALARCÃO, ÉTIENNE; MAYET, 1990: 250; LOPES, 1994: 82).

Contudo, a presença de formas da segunda metade do séc. V, como os tipos Hayes 61, 88, 81 e 87, não só nestes sítios, mas também em *Balsa* - forma 87 - (NOLEN; REAL, 1994: 100) revela a continuidade deste comércio.

No séc. VI, as trocas comerciais, se bem que esbatidas, ainda se mantêm. Tal fenómeno está bem patente mesmo em áreas setentrionais. As formas Hayes 96, 97, 103 encontram-se em *Conimbriga*. A Hayes 91, uma das mais difundidas, prolonga as cronologias de Tróia, S. Cucufate, Represas, *Mirobriga* e *Baelo* pelo séc. VI, centúria durante a qual se faz acompanhar, por outras formas como a Hayes 96, 97, em *Conimbriga*; às quais se acrescentam, no Sul, outras como a Hayes 104, na Comenda, as Hayes 94, 104, em *Balsa*, ou as formas 99, 104, 105, em Tróia (DELGADO; MAYET; ALARCÃO, 1975: 261; ÉTIENNE; MAKAROUN; MAYET, 1994: 62; LOPES, 1994: 82; BOURGEOIS; MAYET, 1991: 386; TRINDADE; DIAS DIOGO, 1996: 8).

No Noroeste, a *T.S.Ai. D* é a produção mais abundante, sendo a forma mais comum a Hayes 61, seguida de outras como as Hayes 59, 60, 69, 70, 73 e a 91, ou seja, um conjunto que, cronologicamente, se estende da primeira metade do séc. IV até ao séc. VI (Naveiro Lopez, 1991: 45). Em Braga, os níveis das importações são bastante estáveis nos sécs. V e VI, representados pelas formas Hayes 70, 76, 91, 92, 96, 99, 104 (MARTINS; DELGADO, 1989-90: 31).

Na áreas valenciana e tarraconense, a presença - não só na cidade de Valência, mas também noutros sítios como Tocra, Cartagena - das formas tardias Hayes 87, 88, 91c, 91d, 93, 96, 99a, 101, 103, 104a,

104b, 104c, 105, 106, 107, 108, 109, 110; dos estilos decorativos E (figuras humanas) e A (iii) em Tarragona comprovam a permanência da regularidade de contactos comerciais até meados do séc. VI, embora de uma forma descontínua se prolonguem aos finais dessa centúria (REYNOLDS, 1984: 478; KEAY, 1984: 564).

Perante os dados existentes não é possível afirmar que o fim deste processo se situe no séc. VII. Todavia, o séc.VI - pelo menos na sua primeira metade - fornece elementos bastantes que comprovem a manutenção das importações de *T.S.* Af. D, parecendo terminar definitivamente nos finais dessa centúria.

Os dois centros produtores hispânicos alto-imperiais, *Tritium Magalium* e Andújar, cujas cerâmicas alcançaram o território actualmente português, podem ser modelizados através dos dois conceitos especificados no início deste capítulo; assim, o primeiro tem um âmbito de difusão essencialmente setentrional e continental, enquanto que os bens do segundo se distribuem de um modo preferencialmente meridional e litoral (MAYET, 1984; BELTRÁN-LLORIS, 1991: fig. 46).

A difusão da *T.S.* de Andújar circunscreveu-se, na sua grande maioria, à própria província bética; no litoral da Tarraconense não está presente (MAYET, 1984: 226) e no território lusitano alcançam os maiores êxitos percentuais face às cerâmicas do Nordeste peninsular na costa oeste, em sítios como *Mirobriga* e Ilha do Pessegueiro⁽¹⁵⁾, tendo-se verificado, no primeiro destes sítios, uma variante da produção bética.

A *T.S.* de *Tritium Magalium* conseguiu alcançar com eficácia todo o território peninsular, sendo atribuído aos *negotiatores* um papel crucial na comercialização terrestre / fluvial destas cerâmicas (MAYET, 1984: 227, 235-7).

Não deixa de ser extremamente interessante constatar os resultados percentuais atingidos, sobretudo quando comparadas as áreas sul e oeste da península; assim, *Baelo* (BORGEOIS; MAYET, 1991), Quinta de Marim (SILVA; SOARES; COELHO-SOARES, 1992), S. Cucufate (ALARCÃO; ÉTIENNE, MAYET, 1990), Torre de Palma - onde só há *T.S.* de *Tritium* - *Oapud* LOPES, 1993: 54) e sobretudo Represas (IDEM) identifi-

(15) Ver supra caps. IV e V.

cam-se pelas altas percentagens destas cerâmicas que, mesmo em *Emerita Augusta* representam a totalidade do espólio (*apud* LOPES, 1994: 54); a costa sudoeste, a ver pelos dados de *Miwbriaga* e Ilha do Pessegueiro, tornou-se bastante mais difícil de alcançar pelos comerciantes ligados a este centro.

A própria frequência esmagadora da *T.S.* de *Tritium Magalium* na costa este - atrás referida -, bem como a nivelação dos resultados com as cerâmicas de Andújar em *Bado*, na própria província bética, e Quinta de Marim, Olhão, também na costa sul pode fazer supor a existência de uma corrente comercial litoral com algum significado desde o Ebro até à costa sul lusitana, tendo como intermediária a própria costa bética, a ver pela quantidade encontrada em *Bado* e aproveitando as próprias correntes comerciais já existentes com a *T.S.* itálica e gálica (CARVALHO, 1993: fig. 69).

A costa sudoeste estaria assim fortemente condicionada pelo alcance da cerâmicas béticas, sendo *Mirobriga*, no litoral, e Represas / / S. Cucufate, no interior, o limite setentrional deste comércio (LOPES, 1994: 54). *Conimbriga* (DELGADO; MAYET; ALARCÃO, 1975) e Monte Mozinho (CARVALHO, 1993) apenas receberam a produção nordestina.

As formas Drag. 15/17, 27 e 37, de ambos os centros produtores, são, geralmente, as três mais representadas nos diversos sítios. Embora seja exportada sensivelmente de meados do séc. I a meados do séc. II, a *T.S.H.* ultrapassa os quantitativos da congénere gálica a partir da época flávia (MAYET, 1984: 236); em *Conimbriga* o domínio é claro a partir de Trajano e durante parte do séc. II (DELGADO; MAYET; ALARCÃO, 1975: 339); na Ilha do Pessegueiro, a *T.S.H.* chega em boa quantidade na segunda metade do séc. I, tornando-se dominante nos níveis da primeira metade da centúria seguinte.

A *T.S.* Hispânica Tardia, originária do Nordeste peninsular, nos sécs. IV e V sensivelmente, apenas alcançou o território lusitano de uma maneira esporádica (BELTRÁN-LLORIS, 1991; fig. 47; Mayet, 1984: 291), sendo incapaz de concorrer com as produções norte-africanas, sobretudo a *T.S.Af. D.* Apenas se constata a forma Drag. 37T, tipo que deve ser exclusivo, mesmo em regiões setentrionais, como o Noroeste (NAVEIRO LOPEZ, 1991: 47), onde, no entanto, chegou em quantidades bastantes maiores a cidades como *Bracara Augusta* (MARTINS; DELGADO, 1989-90: 30).

Um primeiro esforço de quantificação do universo de *Terra Sigillata* Foceense Tardia existente no nosso território foi empreendido por Maria Maia, em 1977 (MAIA, 1978). Apenas em 1988 se publicou um novo estudo da questão, da autoria de M. Delgado (1988). Segundo os resultados desta última pesquisa, dos 138 perfis determinados, 131 pertencem à forma Hayes 3; 5 à forma Hayes 5; 1 à forma Hayes 8; 1 à forma Hayes 2 (DELGADO, 1988: estampa II). Tradicionalmente visto como um comércio efectuado, de meados do séc. V a meados do VI, tendo como balizas históricas a tomada do Norte de Africa pelos Vândalos e a conquista bizantina do Sudoeste peninsular (MAIA, 1977: 302), este processo deve ser redimensionado com os novos dados. Embora a esmagadora maioria das peças provenha de museus e não possua qualquer contextualização estratigráfica, para além de ser quantitativamente pequena, permite levantar alguns problemas. A existência de um exemplar da forma Hayes 2, proveniente do Monte da Cegonha, Vidigueira, datada por Hayes de 370 a 450 (IDEM: estampa II), pode colocar em causa a utilização do argumento de índole documental, de que a importação apenas começaria após as movimentações vândalas. Por outro lado, a presença maioritária da forma Hayes 3 pode indiciar que o comércio não tenha acabado, na presença dos exércitos bizantinos, prolongando-se até fins do séc. VI; se bem que não estejam documentados exemplares das formas tardias, também é verdade que a variante Hayes 3F atinge os finais do séc. VI (*Atlante* I: 232). Contudo, a fraca representatividade da amostra, bem como a sua natureza maioritariamente não estratigráfica, relativizam sobremaneira afirmações de carácter absoluto. Pela quantidade de peças da forma Hayes 3 e ainda da presença das formas Hayes 5 (c.460-550 d.C.) e 8 (c.450-500 d.C.), o comércio intensificou-se a partir de meados do séc. V, tendo o seu auge entre esta data e os meados do séc. VI, fenómeno que é comum ao Mediterrâneo ocidental (NIETO PRIETO, 1984: 540).

Em *Conimbriga*, centro urbano cujas escavações revelaram 50 exemplares⁽¹⁶⁾, 93% pertencem à forma Hayes 3. Destas 50 peças, 50% pertencem às variantes B e C e 30% à variante E, as três datadas por Hayes da segunda metade do século V. Apenas 7 se reportam à variante F (DELGADO; MAYET; ALARCÃO, 1975).

⁽¹⁶⁾ A T.S.F.T. representa 1,79% do total de *Terra Sigillata*; outra cidade ocidental forneceu indicadores de um comércio próspero destes bens: em *Bado*, a T.S.F.T. equivale a 1,4% do total de *Terra Sigillata* (BOURGEOIS; MAYET, 1991. 386).

No Noroeste peninsular, os poucos dados existentes revelam também um domínio da forma Hayes 3, mas apresentam igualmente um exemplar da Hayes 6, dos fins do séc. V ou inícios do VI, forma que apenas estava documentada no centro produtor (NAVEIRO LOPEZ, 1991: 45). Estão também registadas ânforas Kapitan I, egeias, datadas entre os finais do séc. II e o séc. III; e ânforas de possível conteúdo vinário, “palestinianas” ou “bizantinas”, provenientes das costa egípcias, sírias ou egeias, nos sécs. V e VI (IDEM: 67).

Assim, a mais segura das afirmações, acerca do fim das importações no Ocidente peninsular, no estado actual da questão, é a de que os meados do séc. VI representam o esbatimento desta rede de troca.

Os dados existentes na Grã-Bretanha (forma Hayes 3) obrigam a pensar numa rota marítima de difusão contornando a Península Ibérica (HAYES, 1972: 464, mapa 33) - na qual apresenta um modo de difusão litoral (BELTRÁN LLORIS, 1990: mapa 128) -, visto que estas cerâmicas são quase inexistentes no eixo Reno-Ródano e no Istmo Gaulês. Fruto da reanimação do comércio no séc. IV ou ainda nos finais do séc. III⁽¹⁷⁾ (NAVEIRO LOPEZ, 1991: 131), embora em menores proporções do que acontecera na época alto-imperial, as rotas comerciais põem em contacto o Oriente mediterrânico e as Ilhas Britânicas como atestam as ânforas cilíndricas africanas e a *IS.Af. D* e as ânforas “bizantinas” ou “palestinianas” das classes 43 e 44, cuja semelhança de distribuição geográfica no sul da Irlanda e oeste da Escócia e a quase ausência na *Galla*, sobretudo na costa norte, deixa antever uma rota marítima via *Hispania* (IDEM: 131). A Península Ibérica assume, neste ponto, não só o papel de mercado consumidor, mas também de charneira entre o comércio mediterrânico e atlântico. No entanto, entenda-se que este argumento tem o seu principal suporte na geografia, havendo escassos dados literários que possibilitem afirmar a importância de comerciantes peninsulares neste tráfico.

Para além de uma corrente comercial de bens, como a *Terra Sigillata* Focense Tardia, a *Terra Sigillata* Cipriota Tardia ou cerâmicas gregas atestadas na costa este da *Hispania* (NIETO PRIETO, 1984: 544), ou vidros bizantinos em Alcácer do Sal (MANTAS, 1990: 204), verificou-se igualmente um fluxo de gentes com uma certa influência nos

(17) Relembre-se o naufrágio de Cap Ognina (Sicília), datado do terceiro quartel do séc. III, contendo exemplares de ânforas Almagro 50, Africana I, Kapitan I e II - do Egeu - (ÉTIENNE, MAYET, 1993-4).

costumes hispânicos, sobretudo nas áreas do Sul peninsular que, entre 554 e 628, estiveram sob o domínio político bizantino, mas também na própria corte de Leovogildo (NIETO PRIETO, 1984: 544). A literatura revela a presença de *negotiatores transmarini* nas costas peninsulares, tal como documenta as influências orientais no processo paleo-cristão, sobretudo no Levante peninsular, mas estendendo-se ao Ocidente, através de homens como S. Martinho de Dume ou o Bispo Paulo de Mérida (IDEM: 544).

Segundo S. Keay (*apud* KEAY, 1984: 564), as referências literárias ao comércio entre o Levante peninsular e o Oriente intensificam-se com a própria presença bizantina e a estas juntam-se outras referentes aos contactos com a *Golia* - Isidoro de Sevilha, *De Viris Illustribus* - e África - *Procopius*, III -. Embora pareça existir um comércio bem estabelecido com o Oriente, como documentam os quantitativos de T.S.F.T. Hayes 3 e ânforas British B (ii) (Kuzmanov XIII) de Antioquia, as evidências arqueológicas extinguem-se na segunda metade do séc. VI, como é o caso de Ampurias (KEAY, 1984: 565).

Assim, as ocupações do Norte de África pelos Vândalos, entre 429 e 534; bem como das ilhas Baleares, Córsega, Sardenha e Sicília, em meados do séc. V, não devem ser consideradas como um factor de ruptura nas redes de troca mediterrânicas (NIETO PRIETO, 1984: 545); a presença bizantina a partir de meados do séc. VI já coloca interrogações mais fortes, sobretudo quando se contrastam os dados literários e arqueológicos atrás referidos, sendo, contudo, muito provável que as epidemias verificadas no Mediterrâneo ocidental, entre 543 e 570, bem como as guerras estabelecidas pelos Bizantinos na Península Ibérica e no Norte de África tenham colocado grandes dificuldades à manutenção de certas trocas comerciais. Para Nieto Prieto, estas rotas mediterrânicas terão a sua ruptura com a expansão árabe, em meados do séc. VII (IDEM: 544).

Concluindo: Os Centros Urbanos e a Redistribuição das Importações

Após a análise dos dados, e apesar da debilidade dos elementos existentes, resulta óbvio que os centros urbanos litorais e interiores desempenharam um papel importante - o que não significa absoluto - na obtenção e redistribuição destes bens chegados por via marítima

e/ou fluvial; e embora seja de todo impossível traçar redes de intercâmbio, é plausível lançar hipóteses de regiões de intercâmbio.

A sorte de uma cerâmica baseia-se em grande parte na estratégica localização das oficinas produtoras, junto a estuários e a centros de manipulação de bens alimentares. O mesmo raciocínio se aplica aos destinos, áreas cujas geografia e actividades económicas lhes permitem adquirir bens provenientes das rotas comerciais em que se integram.

Estas cerâmicas de luxo, mesmo quando fabricadas em níveis elevados, foram exportadas sob o estatuto de *cargas parasitárias*, o que as tornava dependentes da circulação de bens considerados mais importantes. Este primado na vida económica de carácter exportador foi desempenhado, no ocidente peninsular, pelas actividades de produção de preparados de peixe.

A orla marítima, nomeadamente os seus centros produtores, estaria em conexão com o interior, para o qual redistribuiria os bens importados. Por seu lado, o mundo rural não se desliga da vivência urbana permanecendo no seu âmbito económico, importando bens externos redistribuídos pelos centros populacionais mais importantes.

Os meios fluviais proporcionaram condições de acesso privilegiado às terras interiores e podem ter condicionado a dispersão das cerâmicas, cujo custo de transporte ficaria bastante mais elevado se utilizado o transporte terrestre em larga escala. Este terá sido quase sempre um complemento, na fase final de comercialização.

Estes pressupostos económicos ter-se-ão mantido desde a época imperial até à Alta Idade Média, as balizas cronológicas deste estudo (FABIÃO, 1996: 333), mas deve-se distinguir, no seio da variedade de sítios urbanos, as potencialidades de centros primários, cujo poder político e/ou religioso se prolonga ou consolida na Antiguidade Tardia e Alta Idade Média, face a todo um conjunto de centros secundários - ao qual pertenceria *Mirobriga* - cuja evolução histórica atinge, em muitos casos, uma curva descendente com o declínio do próprio “mundo romano” (FUENTES DOMINGUEZ, 1995: 230; KEAY, 1984: 558).

Como se exemplificou mais detalhadamente no que respeita a *Mirobriga*, a falta de dados não permite perceber, com clareza, a dinâmica de uma cidade e seu entorno geo-económico, embora se tenha aludido para as similitudes entre os ritmos económicos daquela cidade e os da Ilha do Pessegueiro.

Cidades como *Conimbriga* parecem ter-se abastecido fundamentalmente de produções locais ou regionais (SERRÃO, dir., 1990: 430) ou

privilegiado as importações continentais, como a *T. S.* de *Tritium*. Todavia, as áreas meridionais estabelecem fortes relações com os centros norte-africano, hético e focense. A norte daquela cidade, embora as importações de *T.S. Af.* sejam esporádicas, as restantes produções de *T. S. Af.* e as cerâmicas focenses ligam esta área aos circuitos de trocas. As regiões central e norte do território actualmente português beneficiariam em menor grau do que o Sul, do comércio mediterrânico. Por seu lado, *Bracara Augusta*, se bem que intimamente relacionada com o Noroeste, manteve-se sempre no raio de difusão do comércio meridional (MARTINS; DELGADO, 1989-90).

A importância do porto de *Salacia* decresceu notoriamente nos finais do séc. I, em detrimento de Tróia ou *Caetobriga*. *Ossonoba* e *Olisipo* ter-se-ão mantido como portos de grande tráfego. No extremo da navegabilidade do Guadiana, Mértola prefigurou-se como o principal centro implantado nesta via fluvial que serviria *Pax lulia* e *villae* importantes como as *S. Cucufate*, *Represas* ou *Mte. da Cegonha* (SERRÃO, dir., 1990: 432). Segundo a presença da *T.S.Af. A*, *Balsa* solidificou o seu poder económico já nos finais da primeira centúria, sendo o único sítio que apresenta formas fechadas. E de facto, a epigrafia desta cidade demonstra a sedentarização de uma *elite* mercantil (ENCARNAÇÃO, 1984: 8). A posição de *Mirobriga* é ainda pouco nítida, mas parece ter iniciado as suas importações nessa época. Na *villa* da Quinta de Marim, Olhão, isso já é claro (SILVA; COELHO-SOARES, 1992). Assim, pela sua posição geográfica, a costa sul (e talvez a do Sudoeste) pode ter ganho um novo papel num eixo económico que tenderia, progressivamente, a fornecer importância às relações com o norte de África. *S. Cucufate*, ao possuir níveis idênticos de produções africanas e hispânicas representa, até pela sua posição geográfica, uma área intermédia onde ambos os *mundos*, continental e litoral, confluem (LOPES, 1994: 71). *Emerita Augusta*, numa posição geográfica mais interior, a nível peninsular, apenas importou *T. S.* de *Tritium*, tal como a *villa* de Torre de Palma, Monforte (IDEM: 54), evidenciando um papel importante da capital no comércio destas cerâmicas (MAYET, 1990: 207), o que explicará a própria debilidade dos índices de *T. S. Af. A* nesta cidade (LOPES, 1994: 71)

Nos séc. IV, V e VI, os níveis de *T.S.Af. D* e de *T.S. Focense Tardia* provam que as redes de intercâmbio continuam a ser praticadas, sem ruptura no seu desenvolvimento, nas regiões do Sul, Centro e Norte. Apenas se pode falar de esbatimento progressivo das redes de longa

distância, fenómeno que se acentua no séc. VI. O séc. VII, com a expansão árabe ao longo do Mediterrâneo, assiste a uma maior regionalização económica, relegando as trocas a longa distância para um papel largamente reduzido e tomando os meios rural e urbano menos interdependentes neste âmbito.

CATÁLOGO

1. (Mir.997.7.12 = n.º 11 de M. Maia, 1971): “Pasta rosa avermelhada, relativamente fina, fractura e desgaste rugosos. Engobe vermelho alaranjado claro, com pouco brilho, existente nas duas faces. Peça muito deteriorada.” Diâm. ext. bordo: 15,1 cm.
2. (Mir-462-001+003): Pasta cor de tijolo e engobe relativamente bem conservado, um pouco mais avermelhado do que a pasta, com muitas bolhas. Diâm. ext. bordo: 21,6 cm.
3. (Mir-16-014): Pasta cor de tijolo muito claro e engobe, muito mal conservado, laranja-avermelhado. Diâm. ext. bordo: indeterminável.
4. (Mir-7-019): Pasta cor de tijolo-vermelho e engobe fino, laranja-vermelho, bem conservado, com bom polimento apresentando estrias, mas poucas bolhas. Diâm. ext. bordo: 20,8 cm.
5. (Mir-196-107): Pasta cor de tijolo-vermelho e engobe muito mal conservado, laranja-vermelho. Diâm. ext. bordo: 13,4 cm.
6. (Mir-125-316): Pasta cor de tijolo e engobe mal conservado, laranja-vermelho, bem polido, com muitas estrias. Diâm. ext. bordo: 18,8 cm.
7. (Mir-62-005): Pasta compacta cor-de-tijolo e engobe, mal conservado, laranja-vermelho. Diâm. ext. bordo: 22,2 cm.
8. (Mir-41-040): Pasta compacta cor de tijolo-vermelho e engobe, mal conservado, laranja-vermelho. Diâm. ext. bordo: 26,0 cm.
9. (Mir-118-002): Pasta cor de tijolo-vermelho e engobe, bem conservado vermelho-laranja; parede bem polida com finas estrias. Diâm. ext. bordo: 15,1 cm.
10. (Mir-477-001): Pasta compacta, cor de tijolo, com fractura pouco grosseira, mas revelando acidente de cozedura através de uma mancha cinzenta no seu interior; engobe, mal conservado, laranja-rosa. Diâm. ext. bordo: 19,4 cm.
11. (Mir-9-018): Pasta cor de tijolo claro, algo compacta; engobe, laranja-vermelho, fino, muito bem polido, com estrias e poucas bolhas. Diâm. ext. bordo: 22,4 cm.
12. (Mir-3-178): Pasta cor de tijolo, algo compacta; engobe, laranja-vermelho, fino, muito bem polido, com estrias e poucas bolhas. Diâm. ext. bordo: 28,4 cm.

13. (Mir-12-008): Pasta cor de tijolo, algo compacta; engobe, laranja-vermelho, fino, muito bem polido, com estrias e poucas bolhas. Diâm. ext. bordo: 18,8 cm.

14. (Mir-14-141): Pasta cor de tijolo-vermelho, algo compacta; engobe mal conservado laranja-vermelho. Diâm. ext. bordo: 21,6 cm.

15. (Mir-3-157+158+159+160): Pasta cor de tijolo, algo compacta, com nódulos verdes de marga; engobe fino, laranja-vermelho, brilhante, bem conservado. Diâm. ext. bordo: 21,7 cm; Diâm. ext. pé: 6,0 cm.

16. (Mir-184-190): Pasta cor de tijolo-vermelho, com grandes nódulos de marga verde; engobe de espessura média, de cor laranja, ligeiramente rosado, relativamente bem conservado. Diâm. ext. bordo: 14,1 cm.

17. (Mir-3-297): Pasta algo compacta, cor de tijolo, com grandes nódulos de marga cinzenta; engobe laranja, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 20,4 cm.

18. (Mir-14-076): Pasta cor de tijolo; engobe muito mal conservado, cor de laranja-rosado. Diâm. ext. bordo: 19,0 cm.

19. (Mir-6-020): Pasta cor de tijolo-vermelho; engobe bem conservado no interior da peça, rosa escuro, de espessura média; paredes muito porosas. Diâm. ext. bordo: 24,0 cm.

20. (Mir-6-001): Pasta cor de tijolo; engobe bem conservado, rosa escuro-laranja, de espessura média. Diâm. ext. bordo: 21,9 cm.

21. (Mir-23-193): Pasta cor de tijolo; engobe muito mal conservado, restando apenas no interior da peça, rosa escuro; paredes muito porosas. Diâm. ext. bordo: 18,5 cm.

22. (Mir-138-138): Pasta cor de tijolo; engobe rosa escuro, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 23,0 cm.

23. (Mir-25-005): Pasta cor de tijolo algo compacta; engobe laranja-rosa, fino, bem polido, com estrias; paredes apresentam algumas bolhas. Diâm. ext. bordo: 30,8 cm.

24. (Mir-125-372): Pasta cor de tijolo; engobe rosa escuro-laranja, bem polido e relativamente bem conservado. Diâm. ext. bordo: 23,1 cm.

25. (Mir-120-268): Pasta cor de tijolo-vermelho; engobe laranja-vermelho, de espessura média, bem conservado e sem porosidade. Diâm. ext. bordo: 22,8 cm.

26. (Mir-60-006): Pasta algo compacta, mas um pouco porosa, laranja-rosa; engobe fino laranja-rosa, muito bem polido. Diâm. ext. bordo: 13,0 cm.

27. (Mir-138-150): Pasta depurada, compacta, com fractura muito nítida, cor de tijolo; engobe rosa escuro, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 10,8 cm.

28. (Mir-16-013): Pasta de cor vermelho claro, algo porosa; engobe vermelho, mais escuro do que a pasta. Diâm. ext. bordo: indeterminável.

29. (Mir-25-006): Pasta cor de rosa, compacta, com fractura nítida; engobe rosa-laranja, manchado, fino e muito bem polido. Diâm. ext. bordo: 37,6 cm.
30. (Mir-5-023): Pasta rosa, pouco compacta; engobe rosa escuro, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 30,1 cm.
31. (Mir-54-017): Pasta laranja-rosa, compacta; engobe rosa escuro, bem polido. Diâm. ext. bordo: 18,4 cm.
32. (Mir-52-001): Pasta compacta, fina, com fractura nítida, cor de tijolo muito claro; engobe muito bem conservado, rosa laranja no exterior, rosa no interior; paredes muito bem polidas, apresentando finas estrias. Diâm. ext. bordo: 24,2 cm.
33. (Mir-127-131): Pasta vermelha, algo compacta; engobe da mesma cor, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 20,4 cm.
34. (Mir-2-038): Pasta vermelha, algo compacta; engobe da mesma cor, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 25,2 cm.
35. (Mir-11-005): Pasta de cor vermelho-rosa, algo compacta; engobe da mesma cor, mal conservado. Diâm. ext. bordo: 33,7 cm.
36. (Mir.997.7.10): Pasta de cor vermelho-rosa; algo compacta; engobe da mesma cor, relativamente bem conservado. Diâm. ext. bordo: 23,3 cm.
37. (Mir-5-035): Pasta vermelho-rosa, fina; engobe rosa, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 26,1 cm.
38. (Mir-127-187): Pasta de cor castanho-avermelhada, compacta, com fractura ainda nítida; engobe vermelho-rosa, bem conservado, mas algo poroso. Diâm. ext. bordo: 17,5 cm.
39. (Mir-60-011): Pasta de cor castanho-rosa, fina, mas ligeiramente porosa; engobe rosa-laranja, bem polido. Diâm. ext. bordo: 14,0 cm.
40. (Mir-125-133): Pasta cor de laranja-avermelhado, algo porosa; engobe rosa-laranja com algumas bolhas. Diâm. ext. bordo: 15,8 cm.
41. (Mir-125-318): Pasta cor de rosa, porosa; engobe da mesma cor, muito mal conservado e poroso, apresentando muitas impurezas incrustadas. Diâm. ext. bordo: 17,2 cm.
42. (Mir-3-447): Pasta rosa de grão fino; engobe rosa-vermelho muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 21,2 cm.
43. (Mir-180-040): Pasta rosa de grão fino; engobe rosa quase totalmente desaparecido. Diâm. ext. bordo: 13,8 cm.
44. (Mir.997.7.2): Pasta rosa de grão fino; engobe rosa-vermelho, fino, bem polido e conservado. Diâm. ext. bordo: 26,1 cm; diâm. ext. pé: 16,0 cm.
45. (Mir-399-112): Pasta rosa-cor de tijolo, de grão grosso; engobe rosa muito mal conservado; paredes muito porosas. Diâm. ext. bordo: 18,5 cm.
46. (Mir-60-015): Pasta vermelho-escuro de grão fino; engobe rosa-laranja, bem alisado, mas mal conservado. Diâm. ext. bordo: 25,8 cm.
47. (Mir-83-128): Pasta cor de tijolo-rosa, de grão médio; engobe rosa-laranja, alisado, bem conservado e pouco poroso. Diâm. ext. bordo: 26,4 cm.

48. (Mir-3-247): Pasta rosa escuro, de grão fino; engobe laranja-rosa poroso. Diâm. ext. bordo: 21,8 cm.

49. (Mir-125-2927): Pasta rosa escuro, de grão médio, com muitas impurezas; engobe rosa-vermelho, muito poroso apresentando estrias alongadas resultantes de alisamento forte. Diâm. ext. bordo: 49,9 cm.

50. (Mir-20-095): Pasta cor de tijolo-rosa, de grão médio; engobe rosa-laranja, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 23,3 cm.

51. (Mir-121-408): Pasta cor de tijolo-rosa, de grão grosso, com muitas impurezas; engobe rosa, espesso, muito mal conservado; paredes muito rugosas. Diâm. ext. bordo: 16,4 cm.

52. (Mir-426-001): Pasta cor de tijolo, de grão grosso, com acidente de cozedura que lhe conferiu um aspecto enegrecido; engobe laranja-rosa, espesso, que descama como uma só camada. Diâm. ext. bordo: 35,0 cm.

53. (Mir-51-003): Pasta de grão grosso, cor de tijolo; engobe laranja-rosa, relativamente mal conservado. Diâm. ext. bordo: 25,6cm.

54. (Mir-3-460): Pasta fina, cor de tijolo escuro; engobe bem conservado, opaco, rosa acastanhado e bem alisado. Diâm. ext. bordo: 33,5 cm.

55. (Mir-3-240): Pasta de grão médio, cor de tijolo-rosa; engobe laranja-rosa, mal conservado. Diâm. indeterminável.

56. (Mir.997.7.4 = peça n.º 14 de M Maia, 1971): Pasta de grão médio, laranja - rosa; engobe laranja-rosa, mal conservado. Diâm. indeterminado.

57. (Mir-7-036): Pasta de grão médio, cor de tijolo-rosa; engobe laranja-rosa, mal conservado; paredes rugosas. Diâm. indeterminado.

58. (Mir-23-103): Pasta cor de tijolo, de grão médio; paredes pouco rugosas; engobe rosa-vermelho, com um polimento em bandas de cor rosa muito escuro, na superfície exterior da peça. Diâm. carena: 29,3 cm.

59. (Mir-274-047): Pasta cor de tijolo, de grão médio; paredes um pouco rugosas; engobe rosa escuro com uma patina cinzenta sobre o bordo e parte da superfície externa da peça. Diâm. ext. bordo: 25,7 cm.

60. (Mir-196-122): Pasta cor de tijolo, de grão médio; paredes um pouco rugosas; engobe rosa-laranja com uma patina cinzenta sobre parte da superfície externa. Diâm. carena: 14,0 cm.

61. (Mir-3-331): Pasta cor de tijolo, de grão médio; paredes um pouco rugosas; engobe rosa escuro relativamente mal conservado. Diâm. ext. bordo: 32,0 cm.

62. (Mir-3-236): Pasta cor de tijolo, de grão médio; paredes um pouco rugosas; engobe laranja-rosa, mal conservado. Diâm. ext. bordo: 38,0 cm.

63. (Mir-17-009): Pasta cor de tijolo, de grão médio; paredes um pouco rugosas; engobe rosa escuro, relativamente bem conservado. Diâm. ext. bordo: 26,4 cm.

64. (Mir-125-329): Pasta cor de tijolo, de grão médio; paredes um pouco rugosas; engobe rosa escuro muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 20,7 cm.

65. (n.º 139 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Grupo C [...]: pasta vermelha clara, que por vezes parece rosada quando a calcite é mais abundante: fina, pouco esponjosa, com calcite normalmente só visível à lupa; o engobe é vermelho alaranjado, de excelente qualidade, tendo a superfície o aspecto granuloso de casca de laranja e um brilho excessivo que torna este tipo de cerâmica facilmente distinguível dentro da «terra sigillata» hispânica”. Diâm.: indeterminável.

66. (n.º 138 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Grupo B [...]: pasta rosa vivo, fina, com calcite só visível à lupa e engobe avermelhado, brilhante: está muito próximo da «terra sigillata» sud-gálica e deve poder ser considerado como o mais antigo”. Diâm. ext. bordo: 18,0 cm.

67. (Mir-3-027): Pasta de cor salmão, porosa, de fractura pouco nítida, com alguma calcite branca-amarelada; verniz vermelho-alaranjado, bem conservado. Diâm. ext. bordo: 16,8 cm.

68. (Mir-138-120): Pasta de cor salmão, um pouco porosa, de fractura nítida, com alguma calcite branca-amarelada; verniz vermelho-alaranjado, relativamente mal conservado. Diâm. ext. bordo: 18,4 cm.

69. (n.º 151 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Pasta rosa vivo, esponjada e dura; Grupo C”. Diâm. ext. bordo: 8,0 cm.

70. (n.º 152 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Pasta rosa amarelada, com muita calcite, dura; engobe vermelho rosado brilhante”. Diâm.: indeterminável.

71. (Mir-68-001): Pasta de cor salmão, muito pouco esponjosa, de fractura nítida, com pouca calcite branca-amarelada; verniz muito aderente e bem conservado, laranja-acastanhado, bem polido, com leves estrias disso resultantes. Diâm.: 10,2 cm.

72. (n.º 154 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Pasta rosada, muito esponjosa e dura; Grupo C”. Diâm. ext. bordo: 10,0 cm.

73. (n.º 144 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Pasta rosa amarelada, com muita calcite, esponjosa, dura; engobe avermelhado claro, fino, brilhante”. Diâm. int. bordo: 10,2 cm; diâm. ext. pé: 8,0 cm.

74. (n.º 156 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Grupo B”. Diâm. ext. bordo: 8,9 cm.

75. (n.º 128 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Grupo C”. Diâm. indeterminado.

76. (n.º 131 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Grupo B”. Diâm. indeterminável.

77. (Mir-42-001): Pasta de cor salmão, muito pouco porosa, de fractura nítida, com muita calcite branca-amarelada; verniz muito bem conservado, vermelho-alaranjado, manchado, polido, com leves estrias disso resultante. Diâm. indeterminável.

78. (Mir-15-009): Pasta de cor salmão, muito pouco porosa, de fractura muito pouco nítida, com alguma calcite branca-amarelada; verniz vermelho-alaranjado, relativamente mal conservado. Diâm.: indeterminável.

79. (Mir-997.7.3): Pasta de cor castanho, um pouco porosa, de fractura pouco nítida, com muita marga calcária amarela; verniz castanho, relativamente bem conservado. Diâm. ext. pé: 9,2 cm; diâm. ext. carena: 15,0 cm.

80. (Mir-155-002): Pasta castanho claro, muito porosa, de fractura pouco nítida, com muita marga calcária de grandes dimensões; verniz castanho, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 30,4 cm; diâm. ext. carena: 23,4 cm.

81. (n.º 143 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Pasta acastanhada, com muita calcite visível a olho nú, dura; engobe vermelho acastanhado, homogéneo, mate”. Diâm.: indeterminável.

82. (n.º 145 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Grupo A[_____]: pasta castanha, ou castanha amarelada, com muitíssima calcite visível a olho nú, muito esponjosa e dura e engobe vermelho vináceo, pouco homogéneo, manchado e com pouco brilho.” Diâm. ext. pé: 4,8 cm.

83. (Mir-3-282): Pasta castanho claro, um pouco porosa, de fractura pouco nítida, com muita marga calcária amarela; verniz castanho, muito mal conservado. Diâm. ext. bordo: 12,6 cm.

84. (Mir-3-061): Pasta de cor castanho, pouco porosa, de fractura pouco nítida, com alguma marga calcária amarela; verniz castanho, bem conservado. Diâm. ext. bordo: 14,2 cm.

85. (Mir-3-134): Pasta castanho-rosado muito claro, porosa, de fractura pouco nítida, com marga calcária amarela clara; verniz castanho, muito mal conservado. Diâm. ext. carena: 17,7 cm.

86. (Mir-23-083): Pasta castanho muito claro, muito porosa, de fractura pouco nítida, com alguma marga calcária amarela clara; verniz castanho, muito mal conservado. Provável diâm. ext. bordo: 8,2 cm; espessura da parede: 0,4 cm.

87. (Mir-3-041): Pasta castanho muito claro, porosa, de fractura um pouco nítida, com alguma marga calcária amarela clara; verniz castanho, ligeiramente brilhante, mal conservado, mas no qual é possível perceber uma acção de polimento, na face externa da peça, através de leves estrias. Diâm. ext. bordo: 8,2 cm.

88. (Mir-23-085): Pasta castanho muito claro, um pouco porosa, de fractura pouco nítida, com alguma marga calcária amarela clara; verniz castanho, muito mal conservado. Provável diâm. ext. bordo: 16,0 cm.

89. (Mir-125-2785): Pasta castanho muito claro, muito porosa, de fractura pouco nítida, com alguma marga calcária amarela clara; verniz castanho, ligeiramente brilhante, mal conservado. Diâm. ext. bordo: 8,9 cm.

90. (Mir-125-2749): Pasta castanho muito claro, porosa, de fractura pouco nítida, com muita marga calcária amarela clara; verniz castanho, muito mal conservado. Diâm. ext. pé: 4,0 cm.

91. (n.º 136 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Pasta rosa amarelada, com muita calcite, grosseira e branda; engobe rosado, estaladiço, brilhante”. Diâm.: indeterminável.

92. (Mir-125-1240): Pasta de cor castanho, pouco porosa, de fractura nítida, com alguma marga calcária amarela clara; verniz castanho, aderente e bem conservado. Diâm.: indeterminável.

93. (Mir-125-1343): Pasta de cor castanho, pouco porosa, de fractura nítida, com alguma marga calcária amarela clara; verniz castanho, aderente e bem conservado. Diâm.: indeterminável.

94. (n.º 134 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Grupo A”. Diâm.: indeterminável.

95. (n.º 135 de L. Ferrer-Dias, 1976-7): “Pasta cor de laranja, fina e dura; engobe alaranjado, claro, quase totalmente desaparecido”. Diâm.: indeterminável.

96. (Mir-3-459+51-002): Pasta de cor vermelho-laranja, compacta, de fractura nítida, com pouca calcite; engobe avermelhado, bem conservado, polido, com finas estrias e levemente poroso, estando coberto, na face externa do bordo, por uma película negra muito fina. Diâm. ext. bordo: 37,6 cm.

97. (Mir-3-454): Pasta de cor vermelho-laranja, compacta, de fractura nítida, com pouca calcite; engobe avermelhado, bem conservado, polido, com finas estrias e levemente poroso, estando, ainda, coberto, em parte da face externa do bordo, por uma película negra muito fina. Diâm. ext. bordo: 28,0 cm.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M.; ESPINOSA, U. (1989), *La Ciudad Hispano-Romana: privilegio y poder*, Logroño.
- ALARCÃO, J. (1987), *Portugal Romano*, 4.ª ed., Ed. Verbo.
- IDEM (1988a), *O Domínio Romano em Portugal*, 2.ª ed., Pub.Europa-América.
- IDEM (1988b), *Roman Portugal*, II, 3, Warminster: Aris & Phillips.
- ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; MAYET, F. (1990), *Les Villas Romaines de S. Cucufate (Portugal)*, Paris: Dif. Bocard.
- ALMEIDA, F. (1968-70), “Sines Visigótica”, *Arquivo de Beja*, XXV-XXVIII, pp. 17-30.
- AMARO, C. (1979), “Santiago do Cacém”, *Informação Arqueológica*, 2, pp. 79-82.
- ARTUR, M. L. C. (1983), “Mero-briga. Santiago do Cacém (Portugal)”, *Caesaraugusta*, 57-8, pp. 51-109.
- Atlante delle Forme Ceramiche*, I. Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Impero), Supplemento de la Enciclopedia dell’Arte Antica, Roma, 1981.
- BARATA, M.F. (1993), “Miróbriga: Una Ciudad Romana en la Lusitania Atlántica”, *Revista de Arqueologia*, 145, Maio de 1993, pp. 36-47.
- BELTRÁN-LLORIS, M. (1990), *Guía de la Cerámica Romana*, Zaragoza: Livros Pòrtico.
- BIERS, W.R.; ET AL. (1988), *Mirobriga (Investigations at an Iron Age and Roman Site in Southern Portugal by the University of Missouri-Columbia (1981-6))*, B.A.R., 451.

- BONIFAY, M. (1983), “Eléments d’Evolution des Céramiques de l’Antiquité Tardive à Marseille d’après les Fouilles de la Bourse”, *R.A.N.*, XVI, pp. 283-346.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991), *Fouilles de Belo*, VI (Les Sigillées), Madrid. Casa de Velasquez.
- CARVALHO, T. P. (1993), *A Terra Sigillata de Monte Mozinho (Contributo para a História Económica do Povoado)*, Porto: ed. policopiada.
- COELHO-SOARES, A. (1987), “Materiais Arqueológicos da Courela dos Chãos (Sines)”, *Setúbal Arqueológica*, VIII, pp. 193-202.
- DELGADO, M. (1968), “Terra Sigillata Clara de Museus do Alentejo e Algarve”, *Conimbriga*, VII, pp. 41-66.
- DELGADO, M. (1988), “Contribuição para o Estudo das Cerâmicas Romanas Tardias do Médio Oriente Encontradas em Portugal”, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 5, pp. 35-49.
- DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A.M. (1975), *Fouilles de Conimbriga*, IV (Les Sigillées), Paris: Dif. de Boccard.
- DIAS, L. F. (1976-7), “Terra Sigillata de Mirobriga”, *Setúbal Arqueológica*, II-III, pp. 361-410.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis (I.R.C.P.)*, Coimbra.
- ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1993-4), “La Place de la Lusitanie dans le Commerce Méditerranéen”, *Conimbriga*, 32-33, pp. 201-18.
- ÉTIENNE, R.; MAKAROUN, Y.; MAYET, F. (1994), *Un Grand Complexe Industriel à Tróia (Portugal)*, Paris: Dif. De Boccard.
- ÉTIENNE, R.; MAKAROUN, Y.; MAYET, F. (1996), “O Comércio dos Produtos da Lusitânia Transportados em Ânforas no Baixo Império”, *Actas das I Torn, sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*, Lisboa: Pub. D. Quixote, pp. 329-42.
- FABIÃO, C.; CARVALHO, A. (1990), “Ânforas da Lusitânia: uma Perspectiva”, in A. Alarcão e F. Mayet, dir., *Les Amphores Lusitaniennes. Typologie, Production, Commerce. Actes des Journées tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988*, Paris: Dif. Boccard, pp. 37-64.
- FUENTES DOMÍNGUEZ, A. (1995), “Extremadura en la Tardia Antigüedad”, *Extremadura Arqueológica*, IV, pp. 217-37.
- HAYES, J.W. (1972), *Late Roman Pottery*, London: The British School at Rome.
- IDEM (1980), *A Supplement to Late Roman Pottery*, London: The British School at Rome.
- HAWTHORNE, J. W. J. (1997), “Post Processual Economics: the role of African Red Slip Ware vessel volume in Mediterranean demography”, *Proceedings of the Sixth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*, Sheffield, Oxford.
- KEAY, S. J. (1984), “Decline or Continuity? The Coastal Economy of the Conventus Tarraconensis from the Fourth Century until the Late Sixth Century”, in BLAGG, T.; JONES, R.; KEAY, S.J., dir., *Papers in Iberian Archaeology (ii)*, BAR-IS 193 (ii), pp. 552-77.
- LOPES, C.; MAYET, F. (1990), “Commerce Régional et Lointain des Amphores Lusitaniennes”, in ALARCÃO, J.; MAYET, F., dir., *Les Amphores Lusitaniennes. Typolo-*

- gie, Production, Commerce (Actes des Journées tenues à Conimbriga les 13 et 14 Octobre 1988)*, Paris. Dif. Boccard, pp. 295-302
- LOPES, M.C. (1994), *A Sigillata de Represas. Tratamento Informático*, Coimbra: Universidade de Coimbra.
- MAIA, M. (1971), “Subsídios para o Estudo da Terra Sigillata de Mirobriga”, *Actas do 11 Cong. nac. de Arq.*, II, Coimbra. J.N.E., pp. 433-44.
- MAIA, M. (1978), “Contributos para as Cartas de Distribuição em Portugal de Sugillata Luzente e da Late Roman C ware”, *Actas das 111 Torn. Arq. da Ass. dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: Ass. dos Arq. Portugueses, pp. 293-308.
- MANTAS, V.G. (1990), “As Cidades Marítimas da Lusitânia”, *Les Villes de Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires (Table ronde internationale du CNRS, le 8-9 Décembre 1988)*, Paris: CNRS, pp. 149-206.
- MAYET, F. (1984), *Les Céramiques Sigillés Hispaniques. Contribution à l'Histoire Économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*, 2 vols., Paris: Dif. de Boccard.
- MAYET, F.; PICON, M. (1986), “Une Sigillée Phocéenne Tardive (“Late Roman C ware”) et sa Diffusion en Occident”, *Figlina*, 7, pp. 129-42.
- MAYET, F. (1990), “Mérica: Capitale économique?”, *Les Villes de Lusitanie Romaine. Hierarchies et Territoires (Table ronde internationale du CNRS, le 8-9 Décembre 1988)*, Paris: CNRS, pp. 207-15.
- MARTINS, A.; RAMOS, C. (1992), “Elementos para a Análise e Descrição de Produções Cerâmicas”, *Vipasca*, 1, pp. 91-101.
- MARTINS, M.; DELGADO, M. (1989-90), “Historia e Arqueologia de uma Cidade em Devir: Bracara Augusta”, *Cadernos de Arqueologia*, série II, 6-7, pp. 11-38.
- MATTOSO, J., dir. (1992), *História de Portugal*, I (Antes de Portugal), Lisboa: Círculo de Leitores.
- MEDINA, J., dir. (1993), *História de Portugal*, II e III, Ediclube.
- NAVEIRO LOPEZ, J. L. (1991), *El Comercio Antiguo en el N.W. Peninsular. Lectura Histórica del Registro Arqueológico*, A Coruña, Monografías Urxentes do Museo, 5.
- NIETO PRIETO, F. J. (1984), “Algunos Datos sobre las Importaciones de Cerámica «Phoccean Red Slip» en la Península Ibérica”, in BLAGG, T.; JONES, R.; KEAY, S. J., dir., *Papers in Iberian Archaeology (ii)*, BAR-IS, 193 (ii), Oxford, pp. 540-51.
- NOLEN, J.; REAL, F.C.S. (1994), “ATerra Sigillata Clara”, in J. Nolen et al., *Cerâmicas e Vidros de Torres d'Ares. Balsa*, M.N.A., pp. 97-108.
- NOLEN, J.; REAL, F.C.S. (1994), “A Cerâmica Africana de Cozinha”, in IDEM, *Ibidem*, pp. 111-18.
- NOLEN, J.; REAL, F.C.S. (1994), “A «Terra Sigillata» Hispânica”, in IDEM, *Ibidem*, pp. 91-6.
- REMESAL RODRÍGUEZ (1983), “Transformaciones en la Exportación del Aceite Bético a Mediados del Siglo III d.C.”, *Producción y Comercio del Aceite en la Antigüedad. Segundo Congreso Internacional (Sevilha, 24-28 Febrero 1982)*, Madrid: Universidad Complutense, pp. 115-31.
- REYNOLDS, P. (1984), “African Red Slip and Late Roman Imports in Valencia”, in BLAGG, T.; JONES, R.F.J.; KEAY, F.J., dir., *Papers in Iberian Archaeology (ii)*, BAR-IS 193 (ii), Oxford, pp. 474-539.

- SERRÃO, J.; MARQUES, A.H.,dir. (1990), *Nova História de Portugal*, I, coord, de J. de Alarcão, Ed. Presença.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES, A.; SOARES, J. (1987), “Nota sobre Material Anfórico da Foz do Arade (Portimão)”, *Setúbal Arqueológica*, VIII, pp. 203-19.
- SILVA, C.T.; COELHO-SOARES, A. (1980-1), “ A Praça do Bocage (Setúbal), na Época Romana. Escavações Arqueológicas de 1980”, *Ibidem*, pp. 249-94.
- SILVA, C.T.; COELHO-SOARES, A. (1987), “Escavações Arqueológicas no Creiro (Arrábida). Campanha de 1987)”, *Setúbal Arqueológica*, VIII, pp. 221-37.
- SILVA, C.T.; COELHO-SOARES, A. (1992), “Estabelecimento de Produção de Salga de Peixe da Época Romana na Quinta de Marim (Olhão). Resultados Preliminares das Escavações de 1988-9”, *Setúbal Arqueológica*, IX.X, pp. 315-74.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1993), *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*, Lisboa: I.C.N..
- TRINDADE, L.; DIAS DIOGO, A.M. (1996), “Materiais Provenientes do Sítio Romano da Comenda (Setúbal)”, *Al-Madan*, 5, Outubro, pp. 7-12.

Santiago do Cacém, Outubro de 1997.

PRODUÇÃO / CRONOLOGIA	0	50	100	150	200	250	300	350	400	450	500	550	600	650	700 d.C.
HISPÂNIA - T.S. H. de Tritium Magallum	_____														
HISPÂNIA - T.S.H. de Andijar	_____														
HISPÂNIA - T.S.H.Tardia	_____														
CARTAGO - T.S.Af. A1	_____														
CARTAGO - T.S.Af. 1/2	_____														
CARTAGO - T.S.Af. A2	_____														
BIZACENA - T.S. Af. C1	_____														
BIZACENA - T.S.Af. C2	_____														
BIZACENA - T.S.Af. C3	_____														
BIZACENA - T.S.Af. C4	_____														
CARTAGO - T.S.Af. D1 / 1ª fase	_____														
CARTAGO - T.S.Af. D2 / 1ª fase	_____														
«TUNÍSIA» - T.S.Af. C/E	_____														
FÓCEA - T.S. Focense Tardia	_____														
CARTAGO - Cerâmica Africana de Cozinha	_____														

QUADRO I - Cronologias das produções das cerâmicas (apenas consideradas aquelas que estão presentes em Mirobriga)

T.S.AF.	72.4
T.S.H.	17.5
T.S.F.T.	1.1
T.S.H.T.	0.2
C.A.COZ.	8.8

Quadro 2 - Mirobriga. Percentagens do espólio. Total: 444 frags. = 100%

T.S.AF.	79.4
T.S.H.	19.2
T.S.F.T.	1.2
T.S.H.T.	0.2

Quadro 3 - Mirobriga. Percentagens de terra sigillata..

T.S.AF. A	40.1
T.S.AF. C	42.0
T.S.AF. D	10.5
T.S.AF. C/E	0.9

Quadro 4 - Mirobriga. Percentagens de terra sigillata africana.

A 1	7.7
A 1/2	26.3
A 2	65.8

Quadro 5 - Mirobriga. Percentagens de terra sigillata. africana A

C 1	51.1
C 2	28.8
C 3	18.5
C 4	1.4

Quadro 6 - Mirobriga. Percentagens de terra sigillata africana C

D1-1ª fase	79.4
D2-1ª fase	20.6

Quadro 7 - Mirobriga. Percentagens de terra sigillata africana D

Andújar	66.6
Ímit. ? de And.	8.9
Trit. Mag.	24.3
Lisas	89.8
Decoradas	10.2

Quadro 8 - Mirobriga. Percentagens de terra sigillata hispânica

A 2	76.9
Polim. bandas	10.2
Patina cinz.	12.8

Quadro 9 - Mirobriga. Percentagens de terra sigillata africana de cozinha

T.S.H.	0.78
T.S.AF. A	0.7
T.S.AF. C	0.5
T.S.AF. D	0.1
T.S.AF. C/E	0.02

Quadro 10 - Mirobriga. Importações médias anuais.

A 1	0.1
A 1/2	0.6
A 2	1.4

Quadro 11 - Mirobriga. Importações médias anuais.

C 1	0.9
C 2	0.4
C 3	0.1
C 4	0.01

Quadro 12 - Mirobriga. Importações médias anuais.

ANDŪJAR	0.52
IMIT? AND.	0.07
TRITUM	0.19

Quadro 14 - Mirobriga. Importações médias anuais.

H.6B=L.23	2
H.8A=L.1A	1
H.8B=L.1C	1
H.9A=L.2A	4
H.9B=L.2C	6
H.26=L.9B	12
H.27=L.9A	2
H.27=L.9A2	11

Quadro 16 - Mirobriga. T. S. AF. A1/2. Quantitativos das formas.

H.44=L.35	7
H.44=L.35TER	4
H.45A=L.42	2
H.45B=SAL. C3	6
H.49	1
H.50=L.40BIS	50
ATL.XXXI,18	1

Quadro 18 - Mirobriga. T. S. AF. C1. Quantitativos das formas.

D1-1ª fase	0.1
D2-1ª fase	0.05

Quadro 13 - Mirobriga. Importações médias anuais.

H.3B=L.4.36A	1
H.3C=L.4.36B	2
H.5C	1
H.6	5
H.6C	2
H.8A=L.1A	3

Quadro 15 - Mirobriga. T. S. AF. A1. Quantitativos das formas.

H.6B=L.23	2
H.6C	1
H.8B=L.1C	1
H.9B=L.2C	3
H.14	61
H.14B=L.3B1	2
H.26=L.9B	6
H.27=L.9A	2
H.27=L.9A2	5
H.31	3

Quadro 17 - Mirobriga. T. S. AF. A2. Quantitativos das formas.

H.45B=SAL.C3	3
SAL.C3 OU H.48B	8
H.49	1
H.50A=L.40BIS	27

Quadro 19 - Mirobriga. T. S. AF. C2. Quantitativos das formas.

H.50A/B	10
H.50B	15
H.52B	1

Quadro 20 - *Mirobriga. T. S. AF. C3.*
Quantitativos das formas.

H.58A	14
H.58B	3
H.58B=L.52B	1
H.59A	1
H.61	2
H.91A	6
H.91B	2

Quadro 22 - *Mirobriga. T. S. AF. D1-1ª*
fase. Quantitativos das formas.

H.58A	3
-------	---

Quadro 24 - *Mirobriga. T. S. AF. C/E.*
Quantitativos das formas.

H.23B OU H.23A	4
----------------	---

Quadro 26 - *Mirobriga. T. S. AF. COZ. -*
POL./bandas. Quantitativos das formas.

HAYES 3	3
HAYES 3C	1
HAYES 3E	1

Quadro 28 - *Mirobriga. T. S. focense*
tardia. Quantitativos das formas.

H.73B	3
DELG.1968	1

Quadro 21 - *Mirobriga. T. S. AF. C4.*
Quantitativos das formas.

H.61=L.53BIS	1
H.80	3
H.87	1
H.110	2

Quadro 23 - *Mirobriga. T. S. AF. D2 - 1ª*
fase. Quantitativos das formas.

H.23B=L.10A	15
H.181	13
TAMPA	1
INDETER.	1

Quadro 25 - *Mirobriga. T. S. AF. COZ. -*
A2. Quantitativos das formas.

H.23B=L.10A	4
OSTIA IL306	1

Quadro 27 - *Mirobriga. T. S. AF. COZ.*
PAT. CINZ. Quantitativos das formas.

DRAG.15/17	3
DRAG.15/17 OU 33	2
DRAG.18	1
DRAG.24/25	2
DRAG.27	2
LUDOWICI TB	2
HISP.4	1
HISP.10	1
DRAG.30	1
DRAG.37	3
INDETERM.	2

Quadro 29 - *Mirobriga. T. S. hispânica-*
tritium. Quantitativos das formas.

DRAG.15.17	2
DRAG.18	2
DRAG.24-25	2
DRAG.27	19
DRAG.37	1
INDETERM.	2

Quadro 30 - *Mirobriga. T. S. hispânica-andújar. Quantitativos das formas.*

DRAG.15.17	2
DRAG.27	5

Quadro 31 - *Mirobriga. T. S. hispânica-imitação? de andújar. Quantitativos das formas.*

DRAG.37T	1
DRAG.37T OU 42	1

Quadro 32 - *Mirobriga. T. S. hispânica tardia. Quantitativos das formas.*

	CONIM	S. CUC.	REPRES.	BAELO	TROIA
T.S.H.	27.74	30	34.99	10.53	4.8
T.S.AF. A	0.41	16.53	8.68	21.9	7.14
T.S.AF. C	5.15	20.87	2.94	8.91	16.9
T.S.AF. D	13	23.71	7.8	25.15	57.66

Quadro 33 - *Mirobriga. Percentagens de terra sigillata.*

	CONIM	S. CUC.	REPRES.	BAELO	TROIA	BALSA
T.S.H.	14.4	10.25	22.4	11	1.19	0.25
T.S.AF. A	0.1	0.3	3.1	15	0.98	0.17
T.S.AF. C	1.1	2.8	0.7	4.4	1.68	0.94
T.S.AF. D	2.8	0.2	2	12	9.32	0.1

Quadro 34 - *Mirobriga. Importações médias anuais.*

	S. CUC.	REPRES.	BAELO	BALSA	Q. MARIM
ANDÚJAR	50.8	23.7	47.87	14 frag.	42
TRIT. MAG.	49.2	76.3	54.13	18 frag.	58

Quadro 35 - *Mirobriga. Percentagens das produções hispânicas.*

CONIM	S. CUC.	REPRES.	BAELO	TROIA	BALSA	Q. MARIM
5281	5414	6508	12154	2478	T.S.AF. A: 32	
					T.S.AF. C: 12	
					T.S.AF. D: 17	
					T.S.H.: 24	T.S.H.: 74

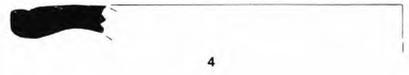
Quadro 36 - *Mirobriga. Nº de fragmentos de terra sigillata.*



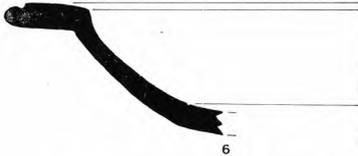
2



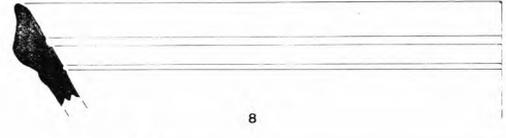
3



4



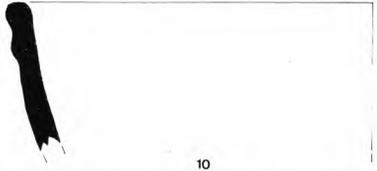
6



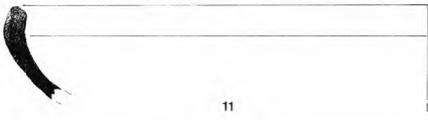
8



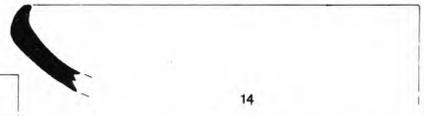
5



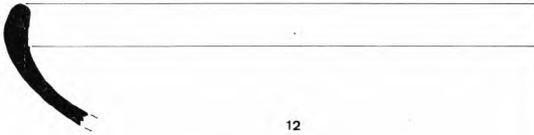
10



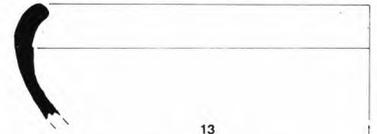
11



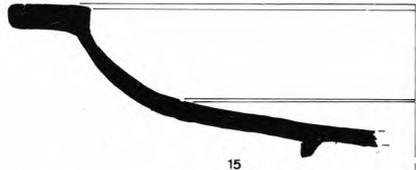
14



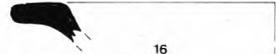
12



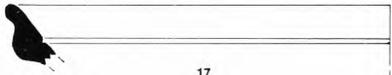
13



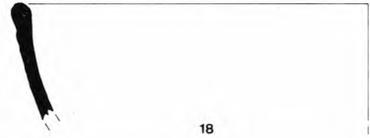
15



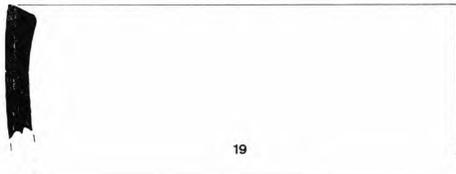
16



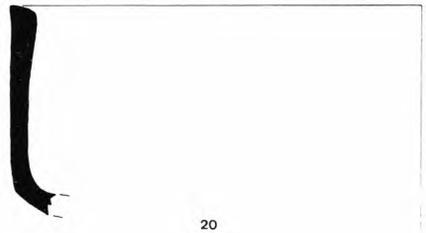
17



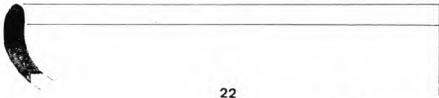
18



19



20

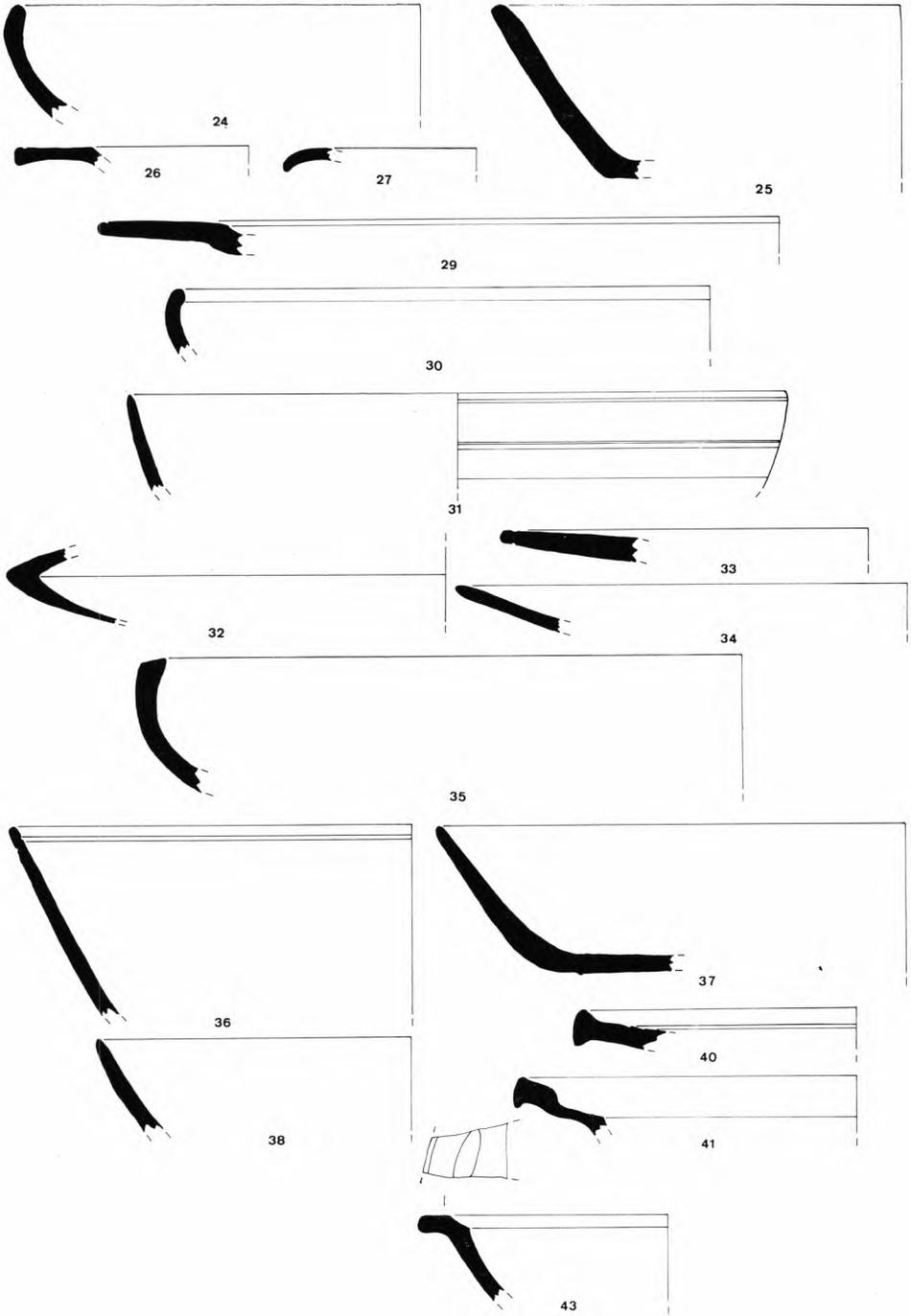


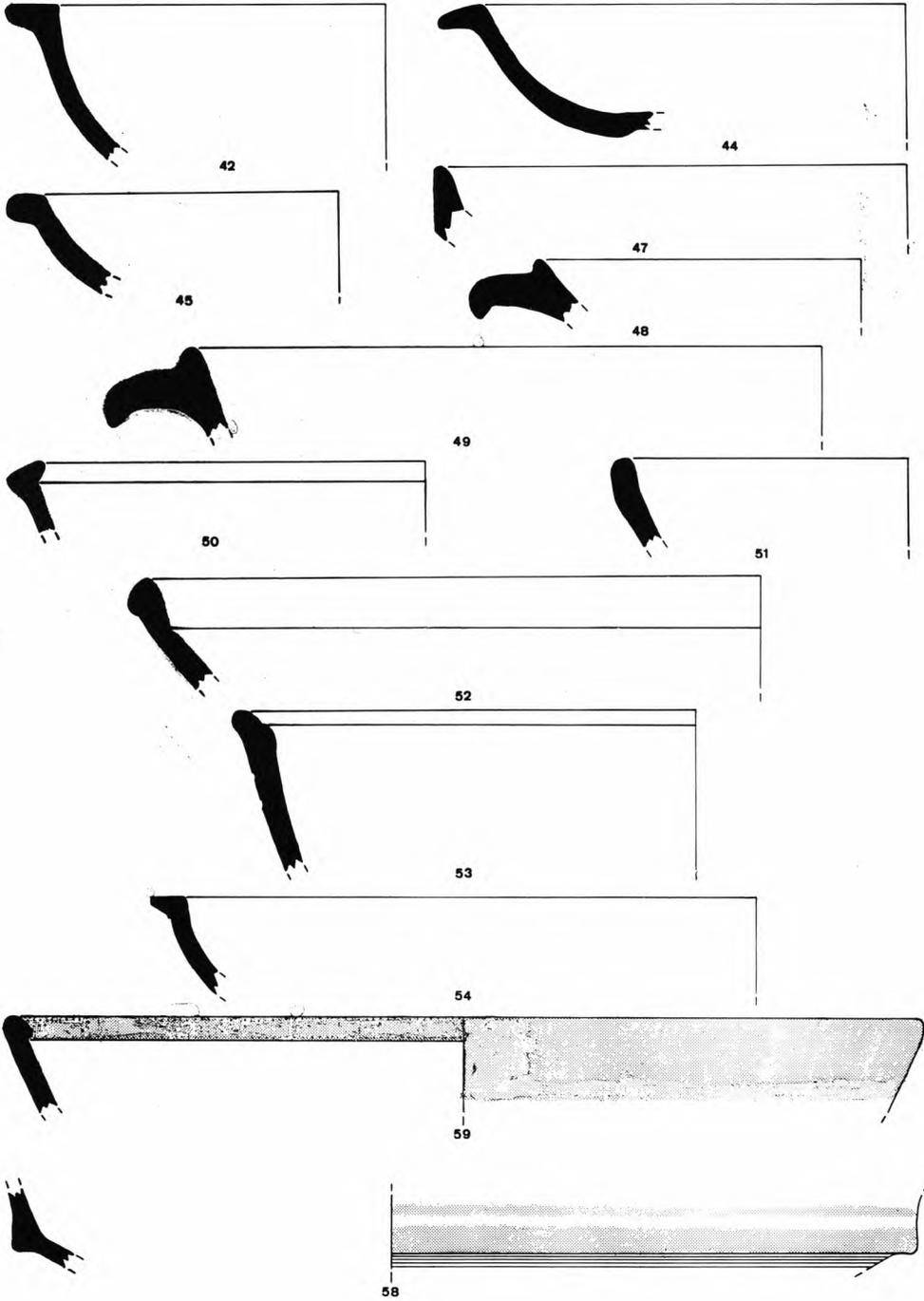
22

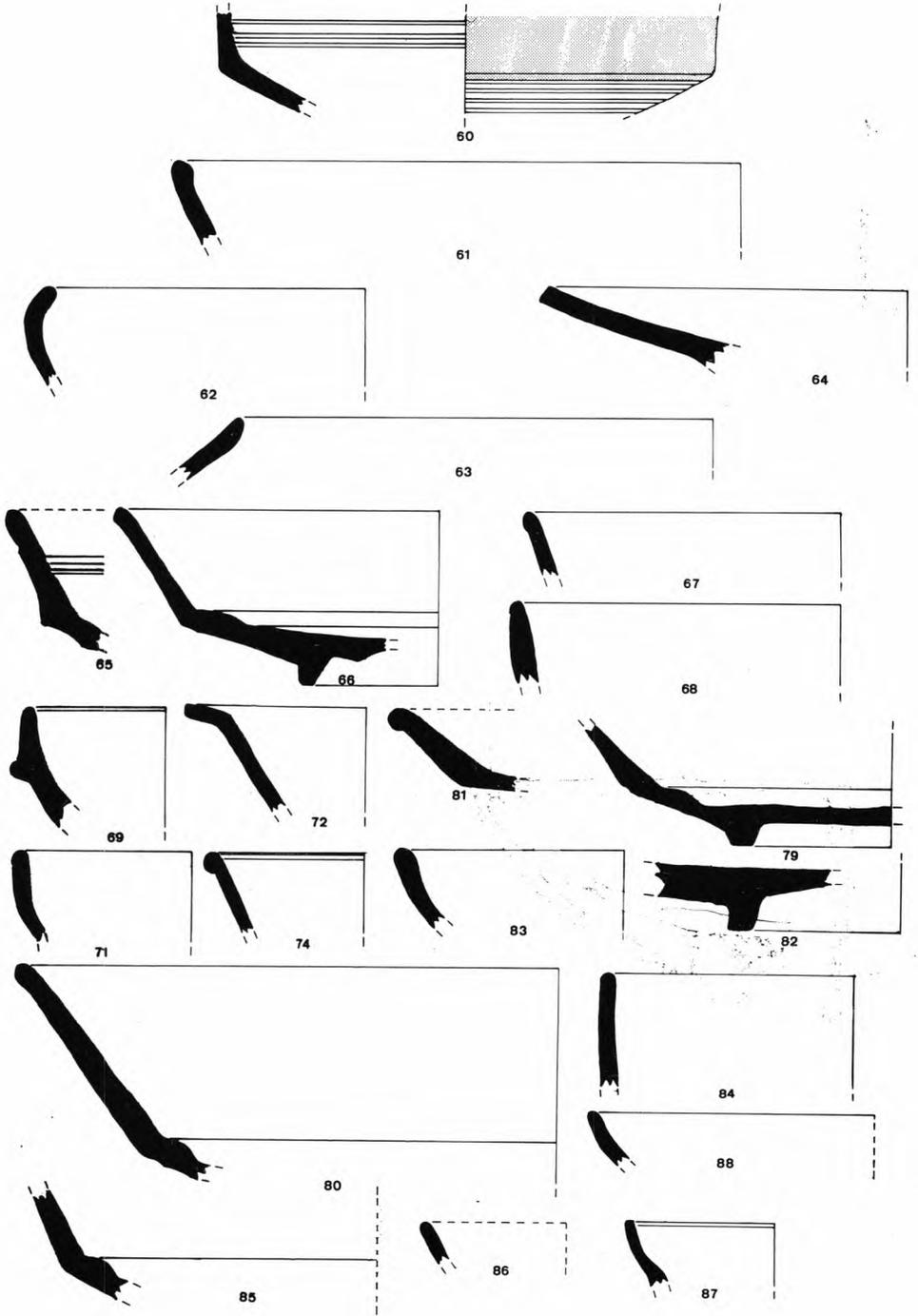


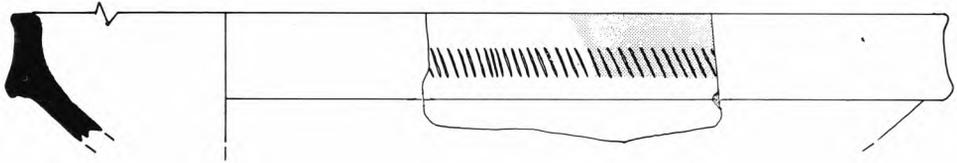
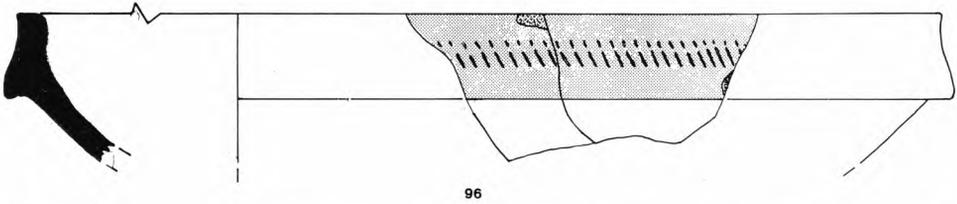
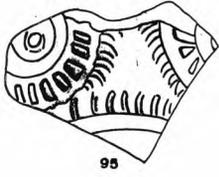
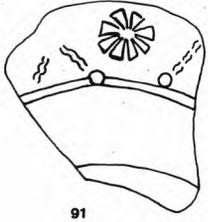
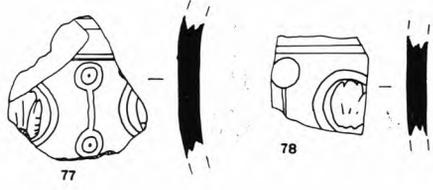
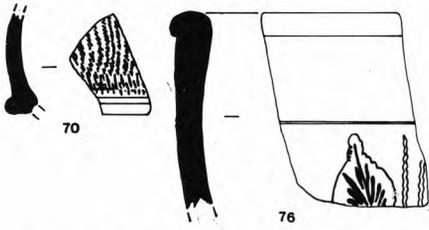
23

EST. II









EST. VI

